

Exercício 1

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LIXO: UM GRAVE PROBLEMA DO MUNDO MODERNO

Até meados do século XIX, o lixo gerado – restos de comida, excrementos de animais e outros materiais orgânicos – reintegrava-se aos ciclos naturais e servia como adubo para a agricultura. Mas, com a industrialização e a concentração da população nas grandes cidades, o lixo foi se tornando um problema.

A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza: por um lado, extraímos mais e mais matérias-primas, por outro, fazemos crescer montanhas de lixo. E, como todo esse rejeito não retorna ao ciclo natural, transformando-se em novas matérias-primas, pode tornar-se uma perigosa fonte de contaminação para o meio ambiente ou de doenças.

Recentemente, começamos a perceber que, assim como não podemos deixar o lixo acumular dentro de nossas casas, é preciso conter a geração de resíduos e dar um tratamento adequado ao lixo no nosso planeta. Para isso, será preciso conter o consumo desenfreado, que gera cada vez mais lixo, e investir em tecnologias que permitam diminuir a geração de resíduos, além da reutilização e da reciclagem dos materiais em desuso.

Precisamos, ainda, reformular nossa concepção a respeito do lixo. Não podemos mais encarar todo lixo como “resto inútil”, mas, sim, como algo que pode ser transformado em nova matéria-prima para retornar ao ciclo produtivo.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Lixo um grave problema no mundo moderno*. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/secex_consumo/_arquivos/8%20%20mcs_lixo.pdf>. Acesso em: 27 out.2019 (adaptado).

(G1 - ifpe 2020) No texto, observa-se a relação da sociedade com o lixo ao longo do tempo. Para marcar essa história, o tempo verbal vai mudando conforme o assunto avança até os dias atuais. Indique a alternativa que analisa CORRETAMENTE o uso dos tempos verbais do modo indicativo destacados em cada trecho.

a) No trecho “o lixo gerado (...) servia como adubo para a agricultura” (1º parágrafo), o verbo, no pretérito mais-que-perfeito, diz respeito a um passado anterior à época da industrialização.

b) Em “será preciso conter o consumo desenfreado” (3º parágrafo), o futuro do presente é utilizado para indicar um comportamento que ainda deve se realizar.

c) Na oração “esse rejeito não retorna ao ciclo natural” (2º parágrafo), o trecho utiliza o pretérito imperfeito para assinalar

ação frequente no passado, com relação ao lixo.


d) Em “A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza” (2º parágrafo), o verbo no presente refere-se a uma atitude que vivenciamos diariamente.

e) Na frase “Não podemos mais encarar todo lixo como ‘resto inútil’” (4º parágrafo), o pretérito perfeito aponta para uma ação que já ficou no passado.

Exercício 2

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Exemplo de gentileza, porteiro que cumprimenta alunos um a um em MT faz sucesso na web após ser filmado por pai de aluna

O porteiro Leônidas Alves Pereira, que trabalha em uma escola particular em Sinop, a  de Cuiabá, ficou famoso nas redes sociais por causa de um vídeo gravado pelo pai de uma aluna, que mostra o trabalhador, no portão, recepcionando os alunos. Ele cumprimenta os estudantes um a um.

Impressionado com a gentileza do porteiro, Gledson Geuda filmou a cena e publicou as imagens na página dele no Facebook.

O pai da aluna disse que fez o vídeo a pedido da filha, que todas as vezes que passa pelo portão é chamada de campeã.

"Eu achei interessante e fiquei reparando. E, naquela manhã, resolvi gravar para mostrar para as outras pessoas que um simples bom dia pode animar o outro", disse.

O vídeo gravado em uma das entradas da escola já teve quase 6 milhões de visualizações. Leônidas disse que sente prazer em trabalhar na escola e que se sente renovado com o cumprimento que dá a cada criança que passa por ele. É como se alguns anos de vida lhe fossem acrescentados.

"A gente não cansa, né? Quanto mais você dá bom dia para uma criança ou um adolescente, parece que você sente mais renovado. É uma coisa muito boa", disse Leônidas.

Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/02/08/exemplo-de-gentileza>. Acesso em: 28 jan. 2019.

(G1 - ifmt 2020) Na frase “Leônidas disse que sente prazer em trabalhar na escola” (6º parágrafo), os verbos em destaque estão, respectivamente, no:

a) pretérito perfeito, presente e infinitivo.

b) pretérito perfeito, infinitivo e presente.

c) pretérito imperfeito, presente e infinitivo.

d) presente, pretérito perfeito e infinitivo.

e) infinitivo, pretérito perfeito e presente.

Exercício 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Três teses sobre o avanço da febre amarela

Como a febre amarela rompeu os limites da Floresta Amazônica e alcançou o Sudeste, atingindo os grandes centros urbanos? A partir do ano passado, o número de casos da doença alcançou níveis sem precedentes nos últimos cinquenta anos. ¹Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da forma silvestre da doença já registrado no país. Outros 435 registros ainda estão sob investigação.

Como tudo começou? Os navios portugueses vindos da África nos séculos XVII e XVIII não trouxeram ao Brasil somente escravos e mercadorias. ²Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. Por volta de 1940, a febre amarela urbana foi erradicada. Mas o vírus migrou, pelo trânsito de pessoas infectadas, para zonas de floresta na região Amazônica. No início dos anos 2000, a febre amarela ressurgiu em áreas da Mata Atlântica. Três teses tentam explicar o fenômeno.

Segundo o professor Aloísio Falqueto, da Universidade Federal do Espírito Santo, “uma pessoa pegou o vírus na Amazônia e entrou na Mata Atlântica depois, possivelmente na altura de Montes Claros, em Minas Gerais, onde surgiram casos de macacos e pessoas infectadas”. O vírus teria se espalhado porque os primatas da mata eram vulneráveis: como o vírus desaparece da região na década de 1940, não desenvolveram anticorpos. Logo os macacos passaram a ser mortos por seres humanos que temem contrair a doença. ³O massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano.

De acordo com o pesquisador Ricardo Lourenço, do Instituto Oswaldo Cruz, os mosquitos transmissores da doença se deslocaram do Norte para o Sudeste, voando ao longo de rios e corredores de mata. Estima-se que um mosquito seja capaz de voar 3 km por dia. ⁴Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. Em cerca de dez dias, primatas e humanos ou morrem ou se curam, tornando-se imunes à doença.

Para o infectologista Eduardo Massad, professor da Universidade de São Paulo, o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), em 2015, teve papel relevante na disseminação acelerada da doença no Sudeste. A destruição do habitat natural de diferentes espécies teria reduzido significativamente os predadores naturais dos mosquitos. A tragédia ambiental ainda

teria afetado o sistema imunológico dos macacos, tornando-os mais suscetíveis ao vírus.

Por que é importante determinar a “viagem” do vírus?

Basicamente, para orientar as campanhas de vacinação. Em 2014, Eduardo Massad elaborou um plano de imunização depois que 11 pessoas morreram vítimas de febre amarela em Botucatu (SP): “Eu fiz cálculos matemáticos para determinar qual seria a proporção da população nas áreas não vacinadas que deveria ser imunizada, considerando os riscos de efeitos adversos da vacina. Infelizmente, a Secretaria de Saúde não adotou essa estratégia. Os casos acontecem exatamente nas áreas onde eu havia recomendado a vacinação. A Secretaria está correndo atrás do prejuízo”. Desde julho de 2017, mais de 100 pessoas foram contaminadas em São Paulo e mais de 40 morreram.

O Ministério da Saúde afirmou em nota que, desde 2016, os estados e municípios vêm sendo orientados para a necessidade de intensificar as medidas de prevenção. A orientação é que pessoas em áreas de risco se vacinem.

NATHALIA PASSARINHO

Adaptado de bbc.com, 06/02/2018.

(Uerj 2019) No quinto parágrafo, são apresentadas duas hipóteses acerca da disseminação da febre amarela. A marca verbal que evidencia a formulação dessas hipóteses é o uso de:

a) voz ativa

b) modo subjuntivo

c) futuro do pretérito

d) forma no gerúndio

Exercício 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Analise a charge para responder à(s) questão(ões).

democracinhas



<<https://tinyurl.com/yaougao9>> Acesso em: 12.10.2018. Original colorido.

(G1 - cps 2019) O verbo “ajudar”, utilizado nas falas das personagens, está conjugado em modo e tempo verbais diferentes.

Identifique a alternativa em que o modo e o tempo desse verbo estão analisados correta e respectivamente.

- a) *Ajuda*, presente do indicativo, *ajudo*, pretérito perfeito do indicativo.
- b) *Ajuda*, presente do subjuntivo, *ajudo*, presente do subjuntivo.
- c) *Ajuda*, pretérito do subjuntivo, *ajudo*, presente do indicativo.
- d) *Ajuda*, imperativo afirmativo, *ajudo*, presente do indicativo.
- e) *Ajuda*, imperativo afirmativo, *ajudo*, futuro do indicativo.

Exercício 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Gabriel, o Pensador

Que tiro foi esse?

Não, não vou cair no chão, pelo menos agora

Eu também sou brincalhão, mas brincadeira tem hora

Lá fora, no meu Rio, cada vez mais gente chora

E cada vez mais gente boa tem vontade de ir embora

O Rio que a gente adora comemora o carnaval

E a violência apavora, ou você acha normal?

A boca que explode, o silêncio do medo

O suspiro da morte banal

O lamento de um povo que implora

Por uma vitória do bem sobre o mal

Atenção: confusão, invasão

Tiroteio fechando a avenida outra vez

Muita bala voando e acertando

Até mesmo as crianças; às vezes, bebês

Criança, meu irmão, não é estatística, é gente

(...)

E os valores são invertidos

Se o desonesto é malandro

O menor também quer ser bandido

Alguns, né, a minoria.

(...)

A mãe desmaiou no enterro

Você não desmaiaria?

Que força você teria pra enterrar o seu garoto?

Que forças ainda temos

Pra nos amar uns aos outros?

E nos armar de indignação por justiça e educação

(...)

Pra que essas crianças não tenham morrido em vão

Sofia, Maria Eduarda, Caíque, Fernanda

Arthur, Paulo Henrique, Renan

Eduardo, Vanessa, Vitor

Esses foram ano passado

Quem será que vai ser amanhã?

(<https://genius.com/13846436>. Acesso em 24 de fevereiro 2018)

(Epcar (Afa) 2019) Analise as afirmativas abaixo sobre a canção-protesto de Gabriel, o Pensador.

- I. É possível depreender da leitura do texto a existência de dois Rios de Janeiro, que se contrapõem.
- II. A valorização da malandragem é apontada como um dos fatores responsáveis pela disseminação da violência em nossa sociedade.
- III. Verbos no futuro do pretérito do indicativo são utilizados, para apresentar suposições – que dependem de outro fato que talvez nem aconteça – com o objetivo de criar empatia no leitor com a dor das famílias das vítimas.
- IV. A força expressiva dos versos “A boca que explode, o silêncio do medo / O suspiro da morte banal” consiste na utilização concomitante da metáfora, da metonímia e da personificação numa mesma imagem de violência e dor.

Estão corretas as proposições

- a) I e II apenas.
- b) I, III e IV apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II, III e IV.

Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.
Becos da minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue

na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande coletivo de São Vicente.
Uma estação permanente de repouso - no aprazível São Miguel.

Cai o pano.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.
21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006.

(lme 2019) O poema se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)

a) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à

recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.

b) uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.

c) frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.

d) fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.

e) necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ayoluwa, a alegria do nosso povo

Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava. Os nossos dias passavam como um café ¹sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza minguava e nos confundia. Ora aparecia um sol ²desensolarado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela ³desfeita. Ora gotejava uma chuva de ⁴pinguitos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos. Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se ⁶reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram. Dentre eles, me lembro de vô Moyo, o que trazia boa saúde, de tio Masud, o afortunado, o velho Abede, o homem abençoado, e outros e outros. Todos estavam ⁷enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de inventar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. Como os homens, deslembravam a potência que se achava resguardada partir de suas denominações. E pediam veementemente à vida que esquecesse delas e que as deixasse partir. Foi com esse estado de ânimo que muitas delas empreenderam a derradeira viagem: vovó Amina, a pacífica, tia Sele, a mulher forte como um elefante, mãe

Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira, e ainda Malika, a rainha. Com a ida de nossos mais velhos ficamos mais desamparados ainda. E o que dizer para os nossos jovens, a não ser as nossas tristezas?

E até eles, os moços, começaram a se encafuar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros, e a tentarem contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões. Ou então se deixavam morrer aos poucos, cada dia um pouquinho, descrentes que pudesse existir outra vida senão aquela, para viverem. As mães, dias e noites, choravam no centro do povoado. A visão dos corpos jovens dilacerados era a paisagem maior e corriqueira diante de nossos olhos.

O milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou. As velhas parteiras do povoado, cansadas de esperar por novos nascimentos, sem função, haviam desistido igualmente de viver. Tinham percebido na escassez dos partos, que suas mãos não tinham mais a serventia de aparar a vida. Nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento da prole. As crianças foram esquecidas, ficando longe do coração dos grandes. E os pequenos, os que já existiam, como Mandisa, a doce, Kizzl, a que veio para ficar, Zola, a produtiva, Nyame, o criador, Lutalo, o guerreiro, Bwerani, o bem-vindo, e os bem novinhos, alguns sem palavras ainda na boca, só faziam chorar. Pranto em vão, já que os pais, entregues às suas próprias tristezas, desprezavam as de seus rebentos. O nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar ...

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequeninhos que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais.

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer.

E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual de nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas

nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmo uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E partir daí tudo mudou. ⁸Tomamos novamente a vida com as nossas mãos.

Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria do nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentado o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

(G1 - ifce 2019) O verbo é a classe gramatical que responde pela progressão da narrativa, pois os personagens desenvolvem suas ações em sequências que se sucedem progressivamente. Considerando o primeiro parágrafo do conto **Ayoluwa, a alegria do nosso povo**, há predominância do tempo verbal

a) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

b) futuro do pretérito do modo indicativo.

c) pretérito imperfeito do modo indicativo.

d) presente do modo subjuntivo.

e) pretérito imperfeito do modo subjuntivo.

Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionadas ao texto abaixo.

¹– Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

– Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

– É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, ²depois, o par _____¹_____ dos outros móveis.

Era bom ³ter uma ⁴amiga ⁵experiente. Nem precisa ser da mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, ⁶muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada ⁷valorizava o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, ⁸acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria ⁹contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

¹⁰– O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara estranhou a amiga, só doente ¹¹pararia quieta. Admirou-a: os ¹²cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos _____²_____, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor estariam hoje ¹³seus olhos?

Ema aprumou o corpo.

– Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ¹⁴ideia. – As crianças brigariam o tempo todo.

¹⁵Novamente a amiga tinha razão. ¹⁶Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. ¹⁷O que sombreava o relacionamento dos casais.

– Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

Se o marido estivesse em casa, ¹⁸seria obrigada a assistir à televisão, _____³_____, ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. _____⁴_____ todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

– Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam ¹⁹as personalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

(Ufrgs 2019) Considere as seguintes afirmações sobre a temporalidade e suas relações de sentido expressas no texto.

I. Os empregos do pretérito perfeito na narrativa situam as ações da personagem Ema no dia em que recebe a visita de sua amiga Bárbara, enquanto o presente faz parte do diálogo das personagens nesse passado narrado.

II. A palavra **depois** (ref. 2) expressa o tempo posterior à Ema descobrir um sapato sob a poltrona, auxiliando na marcação de início e término das ações na narrativa.

III. Os usos do pretérito imperfeito na passagem **Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo** (ref. 16) descreve as ações continuadas dos filhos das personagens no passado narrado para caracterizar o relacionamento das crianças.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) I, II e III.

Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

¹Recebi consulta de um amigo que tenta ²deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. ³Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância?

⁴Certamente, não se diz ⁵‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou ⁶menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos;

⁷exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, ⁸nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece ⁹aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, ¹⁰mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

¹¹Para tentar formular uma hipótese ¹²mais clara para o problema apresentado, ¹³talvez ¹⁴se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) ¹⁵é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal.

¹⁶Exemplos ¹⁷correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois ¹⁸não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) ¹⁹se ²⁰forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não ²¹seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema ²²real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar ²³na frase, mas que atuam como se ²⁴lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

(Ufrgs 2019) Considere as seguintes afirmações acerca dos usos verbais no texto e assinale a alternativa correta.

a) O verbo **Recebi** (ref. 1), no pretérito perfeito, faz referência a um dizer do amigo do autor no momento em que ensinava língua portuguesa para estrangeiros e buscava deslindar os segredos da língua.

b) O uso predominante de verbos no presente diz respeito ao fato de que o texto aborda uma questão atual sobre a língua portuguesa, que precisa ser discutida em sala de aula.

c) A expressão **se deva** (ref. 14), no presente do subjuntivo, possibilita ao autor apresentar certeza em sua argumentação diante de um caso problemático no uso da língua portuguesa.

d) A locução verbal **forem aceitas** (ref. 20) vincula-se ao verbo **seria** (ref. 21) para o autor situar a sua argumentação como possibilidade.

e) Os empregos de formas infinitivas do verbo, no decorrer do texto, estão ligados ao fato de que o autor se vale de verbos auxiliares para expressar modo e tempo, com o propósito de criar um estilo mais informal.

Exercício 10

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto com atenção e, em seguida, responda à(s) questão(ões) a seguir.

Por que temos poucos memoriais de abolição da escravidão?

Lília Schwarcz

Lembrar é uma forma de não deixar esquecer. O Brasil foi destino de mais de 40% de africanos e africanas por aqui escravizados, e precisa cuidar, de maneira crítica, da sua memória.

Bem no meio da pacata cidade de Nantes, na França, uma calçada reluz estranhamente ao Sol. São centenas de pequenas placas retangulares, feitas de um vidro translúcido e de cor azul celeste, espalhadas por uma via onde passam mães levando seus carrinhos de bebê, rapazes andando de bicicleta, moços e moças fazendo ¹jogging, senhores e senhoras apressados a caminho do trabalho.

Somente apurando bem os olhos é possível notar que há sempre um título gravado por debaixo desses delicados sinais brilhantes, dispostos simetricamente ao chão. Le Saint Jean Baptiste, Le Juste, L'Union, La Valeur, La Felicité, Le Bien Aimée e Brasil² são alguns dos muitos nomes de navios negreiros que, desde o século 16 e até o final do 19, partiram de porto de Nantes ou lá aportaram. Os apelidos dados aos barcos parecem denotar uma certa culpa, tamanha a desproporção entre eles e a tarefa que buscavam descrever.

Essas eram embarcações que transportavam de tudo um pouco: tecidos, produtos agrícolas, azulejos, minérios, especiarias, mas, acima de tudo, pessoas. Eles eram tumbeiros, navios negreiros que faziam o comércio de almas no contexto moderno, quando o mundo ocidental reinventou uma nova escravidão; uma escravidão mercantil. Os navios vinham e voltavam cheios de “mercadorias”. Não havia espaço ocioso ou lugar nas

embarcações que deixassem de auferir lucro: de uma ponta saíam produtos agrícolas, de outra, metais preciosos, de outra, ainda, africanos e africanas transformados em valiosos objetos de comércio.

Foram recenseadas mais de 27.233 expedições marítimas que partiram de portos europeus durante esses quatro longos séculos em que perdurou o sistema escravocrata. No total, mais de 12 milhões e meio de mulheres, homens e crianças foram arrancadas à força da África e deportados para as Américas e para o caribe. Mais de um milhão e meio dessas pessoas morreram durante a travessia. Só de Nantes saíram em torno de 1.800 expedições negreiras, tendo elas apresado mais 550 mil africanos e africanas.

Os números são fortes, definitivos, e explicam o motivo da criação, em Nantes, de um impressionante “Memorial da abolição da escravidão”, inaugurado no dia 25 de março de 2012. A edificação é discreta e ao mesmo tempo tocante. Na verdade, é preciso conhecer o lugar, ou ser previamente informado, para saber que na cidade existe um memorial e, ademais, um museu basicamente dedicado ao tema.

Andar por aquela estranha calçada, agachar para ler os nomes dos navios, observar as datas em que cada uma destas embarcações circulou, olhar para o mesmo mar, acaba sendo um exercício muito doloroso. Difícil sair de lá da mesma maneira como se chegou. É impossível deixar de anotar a inacreditável quantidade de naus dedicadas a esse comércio de almas, que gerou a maior ³diáspora desde a época romana. Mais difícil ainda é tentar visualizar a maneira como se “armazenavam” os bens importados, sem discriminação de pessoas ou produtos. Esse talvez seja o motivo de o memorial continuar numa espécie de subsolo, onde se encontra uma cronologia da escravidão e um a série de frases retiradas de textos de ativistas, literatos e filósofos que lutaram pela abolição desse sistema. [...]

Memória e história nem sempre andam juntas. Afinal, muitas vezes, quando é difícil lembrar, o melhor caminho parece ser ignorar. Fico me perguntando, no entanto, se esquecer ou descuidar não são maneiras de dar espaço à incredulidade e de construir o pouco caso diante de uma realidade tão brutal e tão presente em nossa história nacional contemporânea.

Em maio de 2018 faremos 130 anos de abolição da escravidão mercantil no Brasil. Que a data vire cicatriz. Como escreveu Caio Fernando Abreu: “Menos pela cicatriz deixada, uma ferida antiga mede-se mais exatamente pela dor que provocou, e para sempre perdeu-se no momento em que cessou de doer, embora lateje louca nos dias de chuva”.

(Adaptado de *Nexo Jornal Ltda.* Coluna. 9 de abril de 2018.

Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2018/Por-que-temos-poucos-memoriais-de-aboli%C3%A7%C3%A3o-da-escravid%C3%A3o>. Acesso em 17 de setembro de 2018.)

Notas:

¹Corrida

²São João Batista, O Justo, A União, O Valor, A Felicidade, O Bem-Amado e Brasil.

³Dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.

(G1 - cftrj 2019) Considere o seguinte fragmento retirado do texto: “Andar por aquela estranha calçada, agachar para ler os nomes dos navios, observar as datas em que cada uma destas embarcações circulou, olhar para o mesmo mar, acaba sendo um exercício muito doloroso.” (7º parágrafo) O emprego recorrente de verbos no infinitivo confere à passagem em destaque o seguinte efeito semântico:

- a) ideia de possibilidade, incerteza na realização das ações.
- b) ênfase às ações em si, em virtude do caráter atemporal.

c) valor de processo, indicando ações não concluídas.

d) reforço à noção de antiguidade, marcada pelo pretérito.

Exercício 11

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda.

“Tem uma frase boa que diz: uma língua é um dialeto com exércitos. Um idioma só morre se não tiver poder político”, explica Bruno L’Astorina, da Olimpíada Internacional de Linguística. E não dá para discordar. Basta pensar na infinidade de idiomas que existiam no Brasil (ou em toda América Latina) antes da chegada dos europeus – hoje são apenas 227 línguas vivas no país. Dominados, os índios perderam sua língua e cultura. O latim predominava na Europa até a queda do Império Romano. Sem poder, as fronteiras perderam força, os germânicos dividiram as cidades e, do latim, surgiram novos idiomas. Por outro lado, na Espanha, a poderosa região da Catalunha ainda mantém seu idioma vivo e luta contra o domínio do espanhol. Não é à toa que esses povos insistem em cuidar de seus idiomas. Cada língua guarda os segredos e o jeito de pensar de seus falantes. “Quando um idioma morre, morre também a história. O melhor jeito de entender o sentimento de um escravo é pelas músicas deles”, diz Luana Vieira, da Olimpíada de Linguística. Veja pelo aimará, uma língua falada por mais de 2 milhões de pessoas da Cordilheira dos Andes. Nós gesticulamos para trás ao falar do passado. Esses povos fazem o contrário. “Eles acreditam que o passado precisa estar à frente, pois é algo que já não visualizamos. E o futuro, desconhecido, fica atrás, como se estivéssemos de costas para ele”, explica.

CASTRO, Carol. Blá-blá-blá sem fim. *Galileu*, ed. 317, dez. 2017, p. 31.

(Uel 2019) Sobre as formas verbais sublinhadas no texto, assinale a alternativa correta.

- a) O uso da forma verbal “tiver” marca a eventualidade da ação no futuro.

b) O verbo “pensar”, flexionado no futuro do subjuntivo, funciona como objeto direto do verbo que o antecede.

c) O emprego de “predominava”, no pretérito mais que perfeito, se justifica pelo caráter transitório desse tempo verbal.

d) Em “perderam”, o tempo verbal utilizado é o mesmo de “gesticulamos”, no segundo parágrafo.

e) A forma verbal “mantém” está flexionada no plural, fenômeno confirmado pela acentuação.

Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Noruega como Modelo de Reabilitação de Criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam “Por quê?”. E eu pergunto: “Por que não?” O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de

trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia. A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar. A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

LUIZ FLÁVIO GOMES, jurista, diretor-presidente do Instituto Avante Brasil e coeditor do Portal atualidadesdodireito.com.br.

Estou no blogdofg.com.br.

** Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

FONTE: Adaptado de <http://institutoavantebrasil.com.br/noruega-como-modelo-de-reabilitacao-de-criminosos/>.
Acessado em 17 de março de 2017.

(Espcex (Aman) 2018) No trecho, “Alguns perguntariam “Por quê?”. E eu pergunto: “Por que não?””, os verbos grifados estão, respectivamente, no

a) Futuro do Pretérito do Indicativo e Presente do Indicativo.
b) Futuro do Presente do Indicativo e Pretérito Perfeito do Indicativo.

c) Presente do Subjuntivo e Pretérito Imperfeito do Indicativo.
d) Pretérito Imperfeito do Indicativo e Presente do Subjuntivo.

e) Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

_____1_____ me perguntam: quantas palavras uma pessoa sabe? Essa ¹é uma pergunta importante, ²principalmente para quem ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil para quem planeja um curso de francês ou japonês ter uma ³estimativa de quantas palavras um nativo conhece; e quantas os alunos precisam aprender para usar a língua com certa facilidade. ⁴Essas informações seriam preciosas para quem está preparando um manual que incluía, ⁵entre outras coisas, um planejamento cuidadoso da introdução ⁶gradual de vocabulário. À parte isso, a pergunta tem seu interesse próprio. Uma língua não é apenas composta de palavras: ela inclui também regras gramaticais e um mundo de outros elementos que também precisam ser dominados. Mas as palavras são particularmente numerosas, e é notável como qualquer pessoa, instruída ou não, _____2_____ acesso a esse ⁷acervo imenso de informação com facilidade e rapidez. Assim, perguntar quantas palavras uma pessoa sabe é parte do problema geral de o que é que uma pessoa tem em sua mente e que _____3_____ permite usar a língua, falando e entendendo.

⁸Antes de mais nada, porém, o que é ⁹uma palavra? ¹⁰Ora, ¹¹alguém vai dizer, ¹²“todo mundo sabe o que é uma palavra”. Mas não é bem assim. Considere a palavra olho. É muito claro que isso aí é uma palavra – mas será que olhos é a mesma palavra (só que no plural)? Ou será outra palavra? ¹³Bom, há razões para responder das duas maneiras: é a mesma palavra, porque significa a mesma coisa (mas com a ideia de plural); e é outra palavra, porque se pronuncia diferentemente (olhos tem um “s” final que olho não tem, além da ¹⁴diferença de timbre das vogais tônicas). ¹⁵Entretanto, a razão ¹⁶principal por que ¹⁷julgamos que olho e olhos sejam a mesma palavra é que a relação entre elas é extremamente regular; ou seja, vale não apenas para esse par, mas para milhares de outros pares de elementos da língua: olho/olhos, orelha/orelhas, gato/gatos, etc. E, semanticamente, a relação é a mesma em todos os pares: a forma sem “s” denota um objeto só, a forma com “s” denota mais de um objeto. ¹⁸Daí se tira uma consequência importante: não é preciso aprender e guardar permanentemente na memória cada caso individual; aprendemos uma regra geral (“¹⁹faz-se o plural acrescentando um “s” ao singular”), e estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. *Semântica lexical*. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

(Ufrgs 2018) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações.

- () As interrogações servem para o autor problematizar o tema do texto e exigir uma resposta do leitor.
- () Os usos de futuro do pretérito, no primeiro parágrafo, funcionam como um recurso para o autor sugerir possibilidades ao leitor.
- () O uso da forma verbal **julgamos** (ref. 17), no plural, refere-se ao autor e aos demais falantes da língua portuguesa, incluindo os leitores.

() As aspas (ref. 12) referem o dizer de uma pessoa indeterminada, que o autor traz para se contrapor por meio de um contra-argumento.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F – F – V – F.
- b) F – V – V – V.
- c) V – V – F – V.
- d) F – V – F – V.
- e) V – F – F – F.

Exercício 14

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Importância da atividade física

Introdução

Mas o que é atividade física? De acordo com Marcello Montti, atividade física é definida como um conjunto de ações que um indivíduo ou grupo de pessoas pratica envolvendo gasto de energia e alterações do organismo, por meio de exercícios que envolvam movimentos corporais, com aplicação de uma ou mais aptidões físicas, além de atividades mentais e sociais, de modo que terá como resultados os benefícios à saúde. No Brasil, o sedentarismo é um problema que vem assumindo grande importância. As pesquisas mostram que a população atual gasta bem menos calorias por dia do que gastava há 100 anos, o que explica por que o sedentarismo afetaria aproximadamente da população brasileira, mais do que a obesidade, a hipertensão, o tabagismo, o diabetes e o colesterol alto. O estilo de vida atual pode ser responsabilizado por do risco de morte por infarto e por do risco de morte por derrame cerebral, as principais causas de morte em nosso país. Assim, vemos como a atividade física é assunto de saúde pública.

Por que a preocupação com o sedentarismo?

Na grande maioria dos países em desenvolvimento, grupo do qual faz parte o Brasil, mais de dos adultos que vivem em áreas urbanas não praticam um nível adequado de exercício físico. Esse problema fica mais claro quando levamos em conta os dados do censo de 2000, que mostram que da população brasileira vive nas cidades. As pessoas mais sujeitas ao sedentarismo são: mulheres, idosos, pessoas de nível socioeconômico mais baixo e indivíduos incapacitados. Observou-se que as pessoas reduzem, gradativamente, o nível de atividade física a partir da adolescência. Em todo o mundo observa-se um aumento da obesidade, o que se relaciona pelo menos em parte a falta da prática de atividades físicas. É o estilo de vida moderno, no qual a maior parte do tempo livre é passado assistindo televisão, usando computadores, jogando videogames, etc.


Quais são os benefícios da atividade física?

A prática regular de exercícios físicos acompanha-se de benefícios que se manifestam sob todos os aspectos do organismo. Do ponto de vista músculo-esquelético, auxilia na melhora da força e do tônus muscular e da flexibilidade, fortalecimento dos ossos e das articulações. No caso de crianças, pode ajudar no desenvolvimento das habilidades psicomotoras. Com relação à saúde física, observamos perda de peso e da porcentagem de gordura corporal, redução da pressão arterial em repouso, melhora do diabetes, diminuição do colesterol total e aumento do HDL-colesterol (o “colesterol bom”). Todos esses benefícios auxiliam na prevenção e no controle de doenças, sendo importantes para a redução da mortalidade associada a elas. A pessoa que deixa de ser sedentária e passa a ser um pouco mais ativa diminui o risco de morte por doenças do coração em

Isso mostra que uma pequena mudança nos hábitos de vida é capaz de provocar uma grande melhora na saúde e na qualidade de vida.

Já no campo da saúde mental, a prática de exercícios ajuda na regulação das substâncias relacionadas ao sistema nervoso, melhora o fluxo de sangue para o cérebro, ajuda na capacidade de lidar com problemas e com o estresse. Além disso, auxilia também na manutenção da abstinência de drogas e na recuperação da autoestima. Há redução da ansiedade e do estresse, o que ajuda no tratamento da depressão.

A atividade física pode também exercer efeitos no convívio social do indivíduo, tanto no ambiente de trabalho quanto no familiar. Interessante notar que quanto maior o gasto de energia em atividades físicas habituais, maiores serão os benefícios para a saúde. Porém, as maiores diferenças na incidência de doenças ocorrem entre os indivíduos sedentários e os pouco ativos. Entre os últimos e aqueles que se exercitam mais, a diferença não é tão grande. Assim, não é necessária a prática intensa de atividade física para que se garantam seus benefícios para a saúde. O mínimo de atividade física necessária para que se alcance esse

objetivo e de mais ou menos  Dessa forma, atividades que consomem mais energia podem ser realizadas por menos tempo e com menor frequência, enquanto aquelas com menor gasto devem ser realizadas por mais tempo e/ou em maior frequência.

Como é feita a escolha da atividade física adequada?

A escolha é feita individualmente, levando-se em conta os seguintes fatores:

- **Preferência pessoal:** o benefício da atividade só é conseguido com a prática regular da mesma, e a continuidade depende do prazer que a pessoa sente em realizá-la. Assim, não adianta indicar uma atividade com a qual a pessoa não se sinta bem.
- **Aptidão necessária:** algumas atividades dependem de habilidades específicas. Para conseguir realizar atividades mais exigentes, a pessoa deve seguir um programa de condicionamento gradual, começando de atividades mais leves.
- **Risco associado à atividade:** alguns tipos de exercícios podem associar-se a alguns tipos de lesão, em determinados indivíduos que já são predispostos a ela.

Atividade física em crianças e jovens

Nesses grupos, além de ser importante na aquisição de habilidades psicomotoras, a atividade física é importante para o desenvolvimento intelectual, favorecendo um melhor desempenho escolar e também melhor convívio social. A prática regular de exercícios pode funcionar como uma via de escape para a energia “extranormal” das crianças, ou seja, sua hiperatividade.

[...]

Considerações finais

Para finalizar devemos ressaltar que a prática de atividade física deve ser sempre indicada e acompanhada por profissional qualificado: fisioterapeutas ou profissionais de educação física. Caso a pessoa sinta algo diferente é mandatório informar ao profissional responsável. Outro ponto importante, que não deve ser esquecido, é a adoção de uma alimentação saudável, rica em frutas, legumes, verduras e fibras. Deve-se preferir o consumo de carnes grelhadas ou preparadas com pouca gordura e evitar o consumo excessivo de doces, comidas congeladas e os famosos lanches de “*fast-foods*”. E lembre-se: beber muito líquido (de preferência água e sucos naturais).

A atividade física consiste em exercícios bem planejados e bem estruturados, realizados repetitivamente. Eles conferem benefícios aos praticantes e tem seus riscos minimizados através de orientação e controle adequados. Esses exercícios regulares aumentam a longevidade, melhoram o nível de energia, a disposição e a saúde de um modo geral. Afeta de maneira positiva o desempenho intelectual, o raciocínio, a velocidade de reação, o convívio social. O que isso quer dizer? Há uma melhora significativa da sua qualidade de vida!

O que precisamos ressaltar é o investimento contínuo no futuro, a partir do qual as pessoas devem buscar formas de se tornarem mais ativas no seu dia a dia, como subir escadas, sair para dançar, praticar atividades como jardinagem, lavagem do carro, passeios no parque. A palavra de ordem é MOVIMENTO.

Copyright © 2005 Bibliomed, Inc. 28 de Julho de 2005.

Texto modificado. Disponível em:

<<http://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/4772/-1/importancia-da-atividade-fisica.html>>.

Acesso em: 26/out/2016.

(Ufjf-pism 1 2017) Na Introdução do texto, é dito que “No Brasil, o sedentarismo é um problema que vem assumindo grande importância”.

Pode-se falar sobre a locução verbal que:

- a) seu verbo auxiliar está no presente do indicativo.
- b) sua conjugação refere-se ao momento passado.
- c) seu verbo principal está no futuro do pretérito.
- d) seu complemento é “um problema”.
- e) seu sujeito é “o sedentarismo”.

Exercício 15

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ser como todo mundo?

(Roberto DaMatta*)

Uma palavra resume a crise brasileira: a igualdade. ¹Conforme ²tenho salientado no meu trabalho e nesta coluna, o Brasil não tem problemas com a desigualdade. Ele ³ama de paixão as hierarquias e as gradações ⁴que ⁵estão em toda parte. Em nossas leis ⁶sobram privilégios, penachos, recursos, isenções⁷... Nossa formação nacional teve no escravismo, no patrimonialismo aristocrático e no compadrio das casas-grandes e nos grandes apartamentos dos “bairros nobres” de nossas cidades o seu centro e razão. Não é fácil ser igualitário com essa folha corrida. Sempre ⁸fomos dinamizados ⁹por elos pessoais oficializados e legais. Nosso projeto de vida funda-se no arrumar-se e no “¹⁰subir na vida”. Alcançar o baronato — ser alguém —, “¹¹virar famoso” e, do alto da sua celebração, ter direito a fazer tudo sem ser molestado pelo bando de caretas que, infelizmente, não são como nós.

Saber com certeza quem é quem, ¹²mapear ¹³com precisão genealogias familísticas, poder dizer com um riso superior — “¹⁴conheci Frank Sinatra ¹⁵quando ele morava em Hoboken e era um merdinha”¹⁶; ¹⁷ou, “esse eu conheço!” — confirma a nossa ontologia segundo ¹⁸a qual “conhecer” ou relacionar-se pessoalmente é um modo de estar num mundo ordenado por ricos e pobres, superiores e inferiores, homens e mulheres, brancos e negros, limpos e sujos. O modo de navegação social confirma um universo ordenado em camadas e é melhor você estar “por cima”.

Nossa questão mais angustiante, o que eventualmente nos tira do sério, não é ¹⁹saber ²⁰que tudo tem um dono, e dele receber ordens. Não²¹! ²²É entrar numa sala ²³onde outras pessoas também aguardam na fila, e todos se olham com uma ofensiva indiferença porque ninguém sabe quem é quem. ²⁴No Brasil, a igualdade é vivida como uma ofensa ou um castigo.

²⁵O anonimato associado à cidadania nos perturba. Para nós, o maior castigo não é a prisão, é saber que somos iguais a todo mundo porque burlamos a lei que foi feita para todos, menos para nós. ²⁶Quando indiciados, viramos vítimas de uma maldosa igualdade republicana! No Brasil lido como Estado nacional, somos todos “cidadãos”. Mas no Brasil relacional da casa e das ²⁷amizades que nos impedem de dizer não, somos todos parentes e amigos. Não somos como todo mundo.

²⁸Saiu ao pai ou ao avô... Merece a nomeação. Ademais, é afilhado do presidente e tem “pinta” e “jeito” de alto funcionário: não vai fazer feio.

A “²⁹aparência”³⁰. ³¹Eis um traço merecedor de um tratado de sociologia. Meu mentor harvardiano, Richard Moneygrand, dizia que a “³²luta das aparências” (e das recomendações e empenhos) é tão ou ³³mais importante do que a ³⁴luta de classes no Brasil...

³⁵— Logo vi que era “³⁶gentinha”...

— Você viu o “jeito” dele (ou dela)? Descobri imediatamente quem era pelo modo como ele (ou ela) se sentou, comeu e falou.

³⁷— Você viu a roupa? Notou o sapato? Atinou para a sujeira das unhas?

³⁸— Eu até que tolero a pobreza, mas não me conformo com falta de limpeza. Um pobre precisa ser limpo. ³⁹Sobretudo se for preto...

Nosso inferno não são os “⁴⁰palácios” onde poucos entram, todos se conhecem e sabem dos seus lugares, ⁴¹mas os espaços abertos. ⁴²Sobretudo quando temos que esperar o sinal para caminhar e sentir como todo mundo!

⁴³— Eu sei que não sou e jamais vou ser todo mundo! — diz o magistrado do Tribunal Supremo.

É justo nesse “todo mundo” que jaz, ⁴⁴como um ⁴⁵cadáver oculto, o ⁴⁶nosso problema. ⁴⁷Pois como ser como todo mundo se mamãe nos criou para ser ministro? ⁴⁸Como ser como todo mundo se a nossa família tem origem nobre? ⁴⁹Empobrecemos⁵⁰, mas “temos berço”.

Como, então, seguir as normas de urbanidade deste nosso mundo urbano?

⁵¹— Não entro em fila! Não tenho paciência para esperas imbecis. Pago a um criado para tanto. Tenho que cuidar do meu projeto político socialista, que é urgente e está atrasado. Como é que eu vou ter tempo para ser como os outros?

A República proclamada sem um viés igualitário ⁵²só tem a perna da liberdade. ⁵³A da ⁵⁴igualdade que, ao lado da fraternidade, ⁵⁵regularia o seu caminho, nasceu ⁵⁶atrofiada e até hoje permanece torta. A liberdade de gritar, de confrontar, é reveladora. ⁵⁷Só grita quem pode, e calar é sinal de juízo e respeito.

⁵⁸Hoje assistimos às tramas para impedir a realização da igualdade que, para muitos poderosos, foi longe demais igualando quem deveria estar acima da lei.

⁵⁹— Como ser como todo mundo numa sociedade marcada por privilégios? Qual a fórmula do viver democrático e igualitário?

⁶⁰Aprenda a dizer não a si mesmo. É nesse abrir-se para ser como todo mundo que está o espírito igualitário. A alma da democracia.

*Roberto DaMatta é antropólogo e colunista dos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo*.

(Texto adaptado do original e disponível em
<<https://oglobo.globo.com/opiniao/ser-como-todo-mundo-21656782>>. Acesso em 30 ago. 2017)

Vocabulário

Ontologia: Parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010)

(Uem 2018) Assinale o que for **correto** quanto ao emprego de elementos linguísticos no texto.

01) Nas referências 52 e 57, o vocábulo “só” equivale semanticamente a “somente”, enfatizando as restrições da República proclamada sem os princípios da igualdade.

02) Na construção “A da igualdade” (referência 53) ocorre a elipse do vocábulo “perna”, o qual é empregado conotativamente para reacentuar a incompletude de nossa República.

04) O emprego do futuro do pretérito em “regularia” (referência 55) denota a certeza de que, no futuro, a igualdade servirá de baliza para o desenvolvimento da República.

08) Em termos sintáticos, o vocábulo “atrofiada” (referência 56) funciona como objeto direto porque complementa o sentido de “igualdade” (referência 54).

16) Em “Aprenda a dizer não a si mesmo.” (referência 60), o autor emprega o modo verbal subjuntivo para evidenciar sua dúvida sobre a realização da igualdade.

Exercício 16

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O apocalipse de polaina

As mulheres têm toda a razão para reclamar de alguns péssimos hábitos masculinos de se vestir, como a gola V, fetiche dos marombados para exibir o peitoral e que só faz o sujeito parecer um *stripper* desesperado, ou sapato social com camiseta ou a gravata estampada de brechó ou o abadá do Carnaval retrasado ou o cinto de fivela de caubói ou o hábito de sair para passear com camisetas de futebol ou a sunga branca que mostra a penugem a cada mergulho.

Realmente, não há cabimento. São motivos para largar a mão do rapaz em caminhadas pelo Brique da Redenção. Mas a mulher também guarda seus erros sociais, monumentais, passíveis de distrato na igreja e no cartório. E o maior deles, que envergonha a classe dos namorados e o sindicato dos maridos, é a polaina, adereço que não deixa nenhuma beldade bonita e atraente, somente engraçada.

O que é uma polaina, meu santo pai? Polaina dá vontade de rir. Você se levantou da cama e levou a coberta de lã junto? Você se confundiu de manhã e colocou um blusão nas pernas? O tapetinho do banheiro ficou enroscado nas pernas?

A polaina é um bambolê do tênis.

A polaina é uma meia de futebol com elástico estragado.

A polaina é um pijama arriado.

A polaina é um cachecol dos pés.

A polaina é uma sanfona murcha.

A polaina é um vício sem cura: terminará combinando polainas com crocs.

A polaina serve para disfarçar a canela fina e esconde o corpo inteiro.

A polaina entrega o sonho de infância de ser Paqueta.

A polaina evoca Menudos, bandana e pulseiras de cordas de violão.

A polaina é o almanaque dos anos 80 publicado em pano.

A polaina é uma gravata-borboleta que voltou a ser lagarta.

A polaina é um pompom que caiu do casaco do bebê.

A polaina é calçar um poodle.

A polaina diminui ainda mais a baixinha.

A polaina é colorida como um drinque, porém traz a ressaca antes mesmo da euforia.

A polaina aquece as panturrilhas e esfria a relação.

A polaina é tão clandestina, tão feia, que não existe polaina de marca famosa, nenhuma fábrica ousa assumir o seu crime.

Fabrizio Carpinejar. Publicado em *Zero Hora*, Coluna Semanal, 26.07.2016.

(G1 - ifsul 2017) Leia o excerto: "E o maior deles, que envergonha a classe dos namorados e o sindicato dos maridos, é a polaina, adereço que não deixa nenhuma beldade bonita e atraente, somente engraçada."

Se conjugássemos os verbos na segunda pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo e na segunda pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo, as formas corretas são, respectivamente,

a) envergonháreis – envergonhasses / deixáreis – deixasses.

b) envergonháreis – envergonhastes / deixeiros – deixastes.

c) envergonharas – envergonhasses / deixáreis – deixesses.

d) envergonhardes – envergonareis / deixares – deixéreis.

Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mentiras fazem com que o cérebro se adapte à desonestidade com o tempo

Estudo diz que a reação emocional negativa de atos desonestos diminui conforme a frequência

Os seres humanos, ou pelo menos a maioria deles, contam com mecanismos biológicos que dificultam os comportamentos desonestos. Quando mentimos, experimentamos vários tipos de excitação emocional que fazem com que nos sintamos mal. Essas reações podem ser medidas e são a base dos detectores de mentiras. Alguns pesquisadores demonstraram até que é possível derrubar com fármacos as barreiras fisiológicas contra a transgressão. Em uma experiência com estudantes, foi observado que quando tomavam um medicamento simpaticolítico, que bloqueia os sinais associados com o comportamento desonesto, tinham o dobro de probabilidade de enganar outra pessoa durante um exame do que aqueles que tomaram placebo. Um bom número de análises mostrou que a resposta a um estímulo que provoca uma emoção enfraquece com o tempo. A repulsa que pode provocar a violência ou a ilusão da paixão perde intensidade quando são experimentadas muitas vezes. Um grupo de pesquisadores da University College London comprovou que isso também ocorre com as sensações associadas a burlar as normas morais, um fenômeno que poderia explicar como se pode chegar a cometer atos desonestos graves a partir de outros que, a princípio, parecem irrelevantes.

Em um artigo publicado na revista *Nature*, os autores colocaram à prova os participantes de vários experimentos que tinham a oportunidade de mentir para obter benefícios pessoais à custa de outros. Os voluntários, 80 pessoas entre 18 e 65 anos, deviam estimar, junto a um companheiro que não viam, a quantidade de dinheiro contida em um recipiente. Foram apresentadas várias situações. Na primeira, os indivíduos deviam se aproximar ao máximo do valor real para que os dois se beneficiassem. Em outras fases do jogo, passar da quantia ou ficar aquém dela era algo que beneficiaria o participante às custas de seu companheiro, ou que beneficiaria o companheiro às custas do participante ou ainda que beneficiaria um dos dois sem prejuízo para o outro. Com este jogo, os cientistas observaram que as pequenas desonestidades para obter um ganho às custas do parceiro aumentavam progressivamente.

Além disso, parte dos participantes teve sua atividade cerebral medida através de ressonância magnética funcional. Assim, foi observado que a resposta da amígdala, uma região do cérebro na qual se processam as reações emocionais, era mais intensa na primeira vez que os participantes enganavam seus companheiros. Essa reação, no entanto, ia se atenuando nas fases posteriores do jogo, e os autores eram capazes de prever o nível de desonestidade de um indivíduo a partir da redução da atividade na amígdala na prova anterior.

“Em conjunto, nossos resultados revelam um mecanismo biológico por trás da escalada de desonestidade”, apontam os autores do estudo. “Os resultados mostram os possíveis perigos de cometer pequenos atos desonestos, perigos que se observam com frequência em âmbitos que vão desde a política aos negócios ou à força da lei”. Por fim, eles concluem que esse conhecimento sobre o funcionamento dessa ladeira escorregadia da desonestidade pode ajudar a melhorar as políticas para evitar a corrupção.

Texto adaptado de:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/ciencia/1477320874_626628.html>

Acesso em: 25 out. 2016.

(Ufjf-pism 3 2017) O que seria correto afirmar com relação aos usos dos tempos verbais no trecho a seguir?

Um grupo de pesquisadores da University College London **comprovou** que isso também **ocorre** com as sensações associadas a burlar as normas morais, um fenômeno que **poderia explicar** como se **pode chegar** a cometer atos desonestos graves a partir de outros que, a princípio, **parecem** irrelevantes.

a) A forma verbal ‘comprovou’ está no pretérito perfeito para indicar a continuidade do estudo dos pesquisadores.

b) A forma verbal ‘ocorre’ está no presente do indicativo para indicar que o fenômeno acontece somente no exato momento em que se fala.

c) A perífrase verbal ‘poderia explicar’ tem seu verbo auxiliar no futuro do pretérito para indicar incerteza na explicação da assunção de atos desonestos.

d) A perífrase verbal ‘pode chegar’ tem seu verbo auxiliar no presente do indicativo para indicar certeza quanto à frequência de atos desonestos.

e) A forma verbal ‘parecem’ está no presente do indicativo para indicar situação não garantida no momento atual.

Exercício 18

(G1 - cp2 2016) Leia o texto para responder à questão.

Bullying: onde termina a brincadeira e começa a agressão? (fragmento)

¹Marcela Pimenta Pavan

Quem já não passou por uma situação desagradável de humilhação? Quantas pessoas, quando crianças, já não se sentiram diminuídas e envergonhadas por seus colegas de escola?

O *bullying* já acontece há algum tempo e em grande proporção, mas a discussão sobre o assunto é recente e está cada vez mais presente nas áreas educacionais, nos programas de televisão, revistas, jornais. Profissionais de várias áreas, como a jurídica, psíquica, educacional, olham para o tema e apontam para uma reflexão com o objetivo de entender e encontrar formas de evitar ou ²minimizar o problema.

O *bullying* significa atos de violência física ou psicológica contra alguém em desvantagem de poder. Surge com frequência na escola, e o impacto psicológico da agressão pode acompanhar o indivíduo pela vida toda.

Um dos sintomas que demonstra isso é a grande quantidade de adultos que possuem um bloqueio ao falar em público, prejudicando sua apresentação como pessoa e profissional. Essa dificuldade pode acontecer na escola, onde a criança aprende a expor seus conhecimentos perante um grupo. Se as experiências ³com ela não forem adequadas, ou seja, se quando a criança ao tentar se mostrar foi de alguma maneira diminuída pelos demais, é natural que ela se sinta bastante desconfortável e isso ³impacte negativamente na sua autoestima fazendo-a evitar a situação de exposição talvez pela vida toda. [...]

⁴Muitas situações de agressões são encobertas por serem vistas como brincadeiras de criança. Deve ser considerada uma brincadeira aquela em que todos os seus participantes estão se divertindo e aprendendo positivamente algo ao longo da experiência. À medida que um participante passa por uma situação angustiante, causando nele dor emocional ou física, e sem ter como se defender, a situação deixa de ser uma brincadeira para se tornar uma agressão. Qualquer forma de exclusão e acusação causa constrangimentos.

Fonte: <https://acaminhodamudanca.wordpress.com/textos-1/infancia/bullying-onde-termina-abrincadeira-e-comeca-a-agressao>. Acessado em: 27/08/2015.

¹ Marcela Pimenta Pavan é psicóloga.

² minimizar – reduzir, diminuir.

³ impacte – cause impacto ou crie uma impressão muito forte.

Releia a seguinte frase destacada do texto:

“Muitas situações de agressões são encobertas por serem vistas como brincadeiras de criança.” (ref. 5).

Assinale a alternativa que apresenta a locução verbal sublinhada reescrita no pretérito perfeito do indicativo.

a) Muitas situações de agressões seriam encobertas porque foram vistas como brincadeiras de criança.

b) Muitas situações de agressões foram encobertas por terem sido vistas como brincadeiras de criança.

c) Muitas situações de agressões fossem encobertas por serem vistas como brincadeiras de criança.

d) Muitas situações de agressões serão encobertas por serem vistas como brincadeiras de criança.

Exercício 19

(G1 - ifsp 2016) De acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa e a gramática normativa, com relação à conjugação dos verbos, assinale a alternativa em que o verbo destacado esteja conjugado no tempo e no modo indicados dentro dos parênteses.

a) Por mais que eu tente, eu não **caibo** mais no meu vestido de formatura. (Presente do Subjuntivo)

b) Quando eu **cri** no Senhor Jesus Cristo, Ele perdoou meus pecados. (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

c) A febre persistente **combalia** o doente. (Futuro do Pretérito do Indicativo)

d) Por mais que **seja** dolorida, sei que um dia essa angústia passará. (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

e) Quem **dera** meu pai fosse um homem de palavra. (Pretérito mais-perfeito do Indicativo)

Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Famílias em transformação

Rosely Sayão*

O projeto de lei que cria o Estatuto da Família colocou na pauta do dia a discussão a respeito do conceito de família. Afinal, o que é família hoje? Alguém aí tem uma definição, para a atualidade, que consiga ¹acolher todos os grupos existentes que vivem em contextos familiares?

A Câmara dos Deputados tem a resposta que considera a certa: “Família é a união entre homem e mulher, por meio de casamento ou de união estável, ou a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos”.

Essa é a definição aprovada pela Câmara para o projeto cuja finalidade é orientar as políticas públicas quanto aos direitos das

famílias – essas que se encaixam na definição proposta –, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação. Vou deixar de lado a discussão a respeito das injustiças, preconceitos e exclusões que tal definição comporta, para conversar a respeito das famílias da atualidade.

Desde o início da segunda metade do século passado, o conceito de família entrou em crise, e uso a palavra “crise” no sentido mais positivo do termo: o que aponta para renovação e transição; mudança, enfim. Até ²então, ³tínhamos, ⁴na modernidade, uma configuração social hegemônica de família, que ⁵era pautada por um tipo de aliança – entre um homem e uma mulher – e por relações de consanguinidade. As mudanças ⁶ocorridas no mundo determinaram ⁷inúmeras alterações nas famílias, ⁸não apenas em seu desenho, mas, principalmente, em suas dinâmicas.

E é importante aceitar ⁹esta questão¹⁰: não foram as famílias que ¹¹provocaram mudanças na sociedade; esta é que determinou muitas mudanças nas famílias. Só assim ¹²vamos conseguir enxergar que a família não é um agente de perturbação da sociedade. É a sociedade que ¹³tem perturbado, e muito, o funcionamento familiar.

¹⁴Um exemplo? Algumas mulheres ¹⁵renunciam ao direito de ficar com o filho recém-nascido durante todo ¹⁶o período da licença-maternidade determinado por lei, ¹⁷porque ¹⁸isso pode atrapalhar sua carreira profissional¹⁹. Em outras palavras: elas entenderam que a sociedade prioriza o trabalho em detrimento da dedicação à família. É assim ou não é?

Se pudéssemos levantar um único quesito que seria fundamental para caracterizar ²⁰a transformação de um agrupamento de pessoas em família, eu diria que é o vínculo, tanto horizontal quanto vertical. E, hoje, todo mundo conhece grupos de pessoas que vivem sob o mesmo teto ou que têm relação de parentesco ²¹e que não se constituem verdadeiramente em família, ²²por absoluta falta de vínculo entre seus integrantes.

Os novos valores sociais têm norteado as pessoas para ²³esse caminho. Vamos nos lembrar de valores decisivos para nossa sociedade: o consumo, que valoriza o trabalho exagerado, a ambição desmedida e o sucesso a qualquer custo²⁴; a juventude, que leva adultos, independentemente da idade, a adotarem um estilo de vida juvenil, que dá pouco espaço para o compromisso que os vínculos exigem²⁵; ²⁶a busca da felicidade, identificada com satisfação imediata, que leva a trocas sucessivas nos relacionamentos amorosos, como amigos e par afetivo, só para citar alguns exemplos.

O vínculo afetivo tem relação com a vida pessoal²⁷. O vínculo social²⁸, com a cidadania. ²⁹Ambos estão bem frágeis, não é?

* Psicóloga e consultora educacional.

Texto publicado na *Folha de São Paulo*, em 29 set. 2015.

Disponível em
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/09/1687809-familias-em-transformacao.shtml>. Acesso em 01 out. 2015.

Adaptação.

20. (Unisinos 2016) Considerando o emprego de verbos e locuções verbais no texto, assinale V nas afirmações verdadeiras e F nas falsas.

- () As formas verbais “tínhamos” (referência 3) e “era” (referência 5) exprimem uma situação que se estende no marco temporal passado.
- () O emprego do pretérito perfeito (“provocaram”), na referência 11, expressa que o fato relatado, que teve uma duração precisa, foi consumado no marco temporal passado.
- () A expressão verbal “vamos conseguir” (referência 12) indica prospecção ou futuridade em relação ao momento da enunciação e poderia ser substituída por “conseguiremos”.
- () A expressão verbal “tem perturbado” (referência 13) situa o fato relatado no marco temporal passado, indicando que esse fato teve longa duração.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) V – F – V – F.
- b) V – V – V – V.
- c) V – V – V – F.
- d) F – F – F – V.
- e) F – V – F – V.

Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o texto para responder à(s) questão(ões):

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz. Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje,

quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular.

"Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto.

O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

(G1 - ifsp 2016) Considere o seguinte trecho: “É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre”. Os verbos grifados encontram-se conjugados, respectivamente:

- a) pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, presente do subjuntivo.
- b) pretérito imperfeito do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, presente do indicativo.
- c) pretérito mais que perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo.
- d) pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito perfeito do indicativo.
- e) pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo, presente do indicativo.

Exercício 22

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Crônica parafraseada de uma Síria em guerra

Ela abre os olhos. Não fosse o cheiro horrível de morte, o silêncio seria até agradável, mas o olfato a lembra que não há paz ¹– nem pessoas, vizinhos, crianças. A trégua na manhãzinha não traz esperança. Tão somente lhe permite descansar o corpo, mas não a mente. As lembranças da noite anterior ainda produzem sobressaltos. Bombas, casas caindo e soldados gritando. Levanta-se, bebe o pouco da água que restou do copo ao lado da cama. Já não é tão limpa, nem farta como antes. Sempre um

gosto amargo misturado com 

Abre a geladeira, e só encontra comida enlatada e congelada. E mesmo não tão congelada assim, já que os cortes diários de eletricidade derretem as camadas de gelo.

Os sobrinhos ainda dormem, e ela tenta orar. Não consegue. A mente desconcentra-se facilmente. Em uma prece fragmentada, pede a Deus descanso e trégua. E faz a oração sem pensar muito. Não precisa; é a mesma oração das últimas semanas.

Ela não quer sair de casa. Não é teimosia, é falta de opção. ²“Para onde ir?”, pergunta, com uma voz desesperançosa. Está tão confusa que não consegue imaginar saídas.

Nem a piedade de enterrar os mortos o governo permite. Cadáveres estão espalhados pelas ruas. As forças de Assad ³impediram de sepultar ou mesmo remover os restos mortais. Ou seja, mesmo viva, ela não tem como fugir da morte escancarada diante de seus olhos. Não é fácil acreditar na vida, quando a realidade grita o contrário.

Se não podem sepultar os mortos, os sobreviventes tentam ao menos ajudar a curar as feridas dos machucados. Não podem levá-los aos hospitais da cidade, já que há um medo generalizado de que o governo prenda os feridos como se fossem prisioneiros de guerra. Resta improvisar atendimento nos campos. Não bastasse a precariedade do atendimento, não há medicamentos suficientes.

Rebeca, de 32 anos, é trabalhadora autônoma. Ou melhor, ⁴era. Agora já não sabe mais o que é e o que faz em sua cidade Damasco, capital da Síria.

Crônica parafraseada do depoimento de uma moradora da capital da Síria (identificada apenas pela letra “R”) ao jornal *Folha de São Paulo*, de quarta-feira, dia 25. A Síria está em revolta há 16 meses contra a ditadura de Bashar al-Assad. Nos últimos dias, o confronto contra os rebeldes se acirrou e as mortes aumentaram.

Disponível em:

<<http://ultimato.com.br/sites/fatosecorrelatos/2012/07/26/cronica-parafraseada-de-uma-siria-em-guerra/>> Acesso em: 14 set. 2015.

(G1 - ifsul 2016) Considerando a flexão das formas verbais **impediram** (ref. 3) e **era** (ref. 4), é correto afirmar que

- a) os dois verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do modo indicativo.
- b) os dois verbos estão conjugados no pretérito perfeito do modo indicativo.
- c) o verbo impedir está conjugado no pretérito perfeito do indicativo, e o ser, no pretérito imperfeito do indicativo.
- d) o verbo impedir está conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, e o ser, no futuro do subjuntivo.

Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Editorial

O valor da vida


Hermann A.V. von Tiesenhausen
Diretor executivo do jornal Medicina

A mistanásia é um termo pouco utilizado nas conversas do dia a dia, mas, que, infelizmente, não está tão distante de nossa realidade. A imprensa registra, sem filtros, o drama de milhares de pacientes e profissionais nos postos de saúde, hospitais e prontos-socorros e traduz a dura proximidade com a expressão. O significado de mistanásia remete à omissão de socorro, à negligência. Ela representa a morte miserável, antes da hora. É conhecida como a eutanásia social. No Brasil, seu flagelo atinge, sobretudo, os mais carentes, que dependem exclusivamente do Estado quando o corpo padece.

Um exemplo do que a mistanásia pode causar apareceu em série de reportagens exibida pelo Jornal Nacional (Rede Globo), em janeiro, que dissecou o drama dos pacientes com câncer no país. A falta de tudo torna a larga espera pelo atendimento um duro calvário e, em meio ao desespero, centros de excelência, como o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no Rio de Janeiro, mingam a céu aberto.

A falência do sistema público de saúde não é só um fenômeno administrativo ou contábil. Quem dera o fosse. Assim, seria mais fácil suportá-la, pois contas se arrumam. A questão é que o desequilíbrio causado por uma gestão feita de pessoas perdidas em meio ao tiroteio entrou em nossas casas pela porta da frente. A situação grave, contornada com paliativos, ceifa vidas, inclusive de crianças e jovens, impedidos de receber aquilo que a Constituição lhes garante como direito cidadão: o acesso universal, integral, gratuito e com equidade a serviços de saúde de qualidade.

Nesta edição do jornal *Medicina*, apresentamos números do valor da vida e da saúde de cada brasileiro para o setor público. A

média nacional não supera os  ao dia, ou seja, quase nada se comparado a outros países com modelos assistenciais semelhantes.

Essa conta acentua a tragédia da morte anunciada em corredores e filas de espera e suscita um questionamento importante, pois os dados evidenciam que, apesar do pouco destinado, é o mau uso dos recursos que estão disponíveis que aprofunda a crise.

O Brasil está diante de um dilema. É hora de rever caminhos, adotar novas posturas, corrigir falhas para não sentenciar a população à doença e tirar do estado de coma em que se encontra o Sistema Único de Saúde (SUS), uma das maiores políticas sociais do mundo e balizador de todo modelo de atenção no País.

Jornal Medicina

Publicação oficial do Conselho Federal de Medicina. Janeiro 2016.

(Fac. Albert Einstein - Medicina 2016) “Quem dera o fosse.” Os verbos empregados nessa frase do quarto parágrafo (verbo dar no pretérito mais-que-perfeito do indicativo e verbo ir no pretérito imperfeito do subjuntivo) contribuem para construir o sentido de que

a) o fenômeno administrativo e contábil gerado pelo desequilíbrio da gestão do sistema público de saúde levou o país à falência.

b) o problema com a saúde nacional se circunscreve a questões de natureza administrativa ou contábil.

c) a situação em que se encontra o sistema público de saúde não se restringe a questões de natureza administrativa ou contábil.

d) a falência do sistema público de saúde brasileiro se resolve pela gestão equilibrada das contas.

Exercício 24

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, no ano de 1946. Além de contista e romancista, fez incursões pela literatura infantil. Ganhou cinco prêmios Jaboti. João Gilberto Noll faz uma literatura caracterizada pela dissolução. Seus romances são concisos e apresentam enredos episódicos sustentados pela causalidade. Essa técnica difere da técnica narrativa que estabelece o elo entre o real e o ficcional. Os personagens de Noll são seres não localizados e alijados da experiência; muito embora lançados numa sucessão frenética de acontecimentos e passando por um sem número de lugares, o que vivem não se converte em saber, em consciência de ser e de estar no mundo.

Duelo antes da noite

¹No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. ²O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. ³Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus.

⁴A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. ⁵E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e por ela poucos passavam. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. ⁶O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar cuspe.

⁷Até que ficou evidente a noite. ⁸E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, ⁹agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. ¹⁰A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. E na curva da estrada começaram a aparecer muitos caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. ¹¹Para onde vão esses soldados? – ela balbuciou.

¹²O menino respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminha! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. ¹³O menino gritou então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste, que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso. Os soldados continuavam a passar.

Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha vizinha, não é nada.

E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. A menina sentiu que seria bom se o encantado chegasse logo para se ver livre do menino. Entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato.

Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Doze e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... o menino repetia para ele mesmo. A menina se sentou no banco traseiro. Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

NOLL, João Gilberto. In: *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 690-692. (Texto adaptado).

Segundo Massaud Moisés, o conto é, do ponto de vista dramático, *univalente*: contém um só drama, uma só história, um só conflito (oposição, luta entre duas forças ou personagens), uma só ação. As outras características (limitação do espaço e do tempo; quantidade reduzida de personagens; unidade de tom ou de emoção provocada no leitor, concisão de linguagem) decorrem da unidade dramática.

Com base nessas informações, resolva a(s) questão(ões) a seguir.

(Uece 2016) Leia com atenção o trecho transcrito a seguir:

“No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou” (ref. 1,2 e 3).

Atente ao que se diz sobre os verbos desse excerto.

I. O pretérito imperfeito (do indicativo), empregado no texto, em vez de reportar-se ao passado, parece neutralizar o valor desse passado, dando a impressão de que as ações se realizam ou pelo menos se estendem ao momento da fala.

II. Os verbos no pretérito perfeito do indicativo indicam que a ação ou as ações que estão sendo narradas aconteceram antes do momento em que fala o enunciador (narrador). Não é por acaso que os contos tradicionais são narrados nesse tempo verbal.

III. O verbo “dever”, que exprime obrigação, usado como auxiliar em uma locução verbal, tem o papel de modalizar o enunciado em que aparece (isto é, mostrar a relação do falante com o conteúdo daquilo que expressa). No enunciado em análise, o verbo “dever” aparece duas vezes como auxiliar nas seguintes locuções verbais: “deviam chegar” e “deveria manter”. A primeira, em virtude de “dever” estar no presente do indicativo, causa impressão de que o enunciador assume como certo o que diz o enunciado (sem dúvida eles devem “chegar até a baixa noite a Encantado”). Já a segunda, em virtude de o verbo “dever” vir no futuro do pretérito, produz a impressão de que o enunciador assume com reservas o conteúdo do seu enunciado.

Está correto o que se diz em

a) I, II e III.

b) I e II apenas.

c) I e III apenas.

d) II e III apenas.

Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O sequestro das palavras

Gregório Duvivier

Vamos supor ¹que toda palavra tenha uma vocação primeira. A palavra mudança, por exemplo, nasceu filha da transformação e da troca, e desde pequena ²servia para descrever o processo de mutação de uma coisa em outra coisa que não deixou de ser, na essência, a mesma coisa ³– quando a coisa é trocada por outra coisa, não é mudança, é substituição. A palavra justiça, por exemplo, brotou do casamento dos direitos com a igualdade (sim, foi um *ménage*): ⁴servia para tornar igual aquilo que tinha o direito de ser igual ⁵mas não estava sendo tratado como tal.

⁶No entanto as palavras cresceram. E, assim como as ⁷pessoas, ⁸foram sendo contaminadas pelo mundo _____ sua volta. As palavras, ⁹coitadas, não sabem escolher amizade, não sabem dizer não. A liberdade, por exemplo, é dessas palavras que só dizem sim. Não nasceu de ninguém. Nasceu contra tudo: a prisão, a dependência, o poder, o dinheiro ¹⁰– mas não se espante se você vir _____ liberdade vendendo absorvente, desodorante, cartão de crédito, empréstimo de banco. A publicidade vive disso: dobrar as melhores palavras sem pagar direito de imagem.

Assim, você ¹¹verá as palavras ecologia e esporte juntarem-¹²se numa só para criar o EcoSport ¹³– existe algo menos ecológico ou esportivo que um carro ¹⁴? Pobres palavras. Não ¹⁵tem advogados. Não precisam assinar termos de autorização de imagem. Estão aí, na praça, gratuitas.

Nem todos aceitam que as palavras ¹⁶sejam sequestradas ao bel-prazer do usuário. A ¹⁷política é o campo de guerra onde se ¹⁸disputa a posse das palavras. A “ética”, filha do caráter com a moral, transita de um lado para o outro dos conflitos, assim como a Alsácia-Lorena, e não sem guerras sangüinárias. Com um revólver na cabeça, é obrigada _____ endossar os seres mais amorais e sem caráter. A palavra mudança, que sempre andou com _____ esquerdas, foi sequestrada pelos setores mais conservadores da sociedade ¹⁹– que fingem querer mudar, quando o que querem é trocar ²⁰(para que não se mude mais). ²¹A Justiça, coitada, foi cooptada por quem atropela direitos e desconhece a igualdade, confundindo-a o tempo todo com seu primo, o justicamento, filho do preconceito com o ódio. Já a palavra impeachment, recém-nascida, filha da democracia com a mudança, ²²está escondida num porão: ²³emprestaram suas ²⁴roupas _____ palavra golpe, que desfila por aí usando seu nome e seus documentos. Enquanto isso, a palavra jornalismo, coitada, agoniza na UTI. As palavras não lutam sozinhas. É preciso lutar por elas.

Texto publicado em 21 mar. 2016. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioudvivier/2016/03/17521-o-sequestro-das-palavras.shtml>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

(G1 - ifsul 2016) Quanto ao emprego dos verbos no texto “O sequestro das palavras”, é correto afirmar que

a) o verbo “ver” (ref. 11) foi conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo, embora faça referência ao tempo presente.

b) o verbo “ser” (ref. 16) foi flexionado no presente do indicativo, indicando a incerteza de que a ação ocorra de fato.

c) a locução verbal presente na referência 22, utilizada no passado perfeito do indicativo, designa uma ação já concluída.

d) o verbo “servir” (ref. 2) foi conjugado no pretérito imperfeito do indicativo para designar uma ação em contínua realização do passado para o presente.

Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

A cavalgada, que lenta ⁸subira a encosta, ⁹descia-³a rapidamente enquanto Atanagildo, visitando os muros, ¹exortava os guerreiros da cruz a ²pelejem esforçadamente. Quando ⁴estes souberam quais eram as intenções dos árabes acerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilégio afugentou-⁵lhes dos corações a menor sombra de hesitação. Sobre as espadas juraram ⁶todos

combater e morrer como godos. Então o quingentário, a ⁶quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo.

HERCULANO, A. *Eurico, o presbítero*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.107.

(Uel 2015) Sobre os verbos “subira” (ref. 8), “descia” (ref. 9) e “exortava” (ref. 1), presentes no trecho, assinale a alternativa correta.

a) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no tempo verbal pretérito perfeito, pois indicam um fato que aconteceu em um momento passado e foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

b) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois expressam a duração de um fato que ocorreu no passado e foi concluído. Os dois primeiros estão no modo indicativo, enquanto “exortava” está no imperativo, pois expressa ordem.

c) O verbo “subira” está no futuro do presente, pois indica um fato que ainda ocorrerá; os verbos “descia” e “exortava” estão no futuro do pretérito, pois indicam ações que aconteceriam. Todos estão no modo indicativo.

d) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente; já os verbos “exortava” e “descia” estão no imperfeito do subjuntivo, pois expressam desejos ou hipóteses.

e) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um processo que ocorreu antes de um outro fato, também no passado; os verbos “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois indicam um processo que ocorreu no passado, expressando sua duração, e que não foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir estão relacionada(s) ao texto abaixo.

⁴À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, ¹⁴Chagas e Silva ⁶postava-se de palito à boca, como ¹⁹se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. ⁸Longe ²¹disso! A Rua da Praia que ²³o diga, ou ²²melhor, que o dissesse. ²⁴O faz de conta do ⁷inefável personagem ⁵ligava-se mais à ²⁵importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. ¹⁵Ele, que tanto marcou a rua, tinha ²⁷franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava ²⁸dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e ¹⁰uns olhinhos apertados na ¹_____ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, ²⁹era o ⁹toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. ¹⁶Fixou-²⁰se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar

de ¹²indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então.

¹⁷Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e ¹¹fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas ³³e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro. Não era de meu propósito ³¹ocupar-me do "doutor" Chagas ³⁴e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, ³⁰dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. ¹⁸Essas casas punham ao alcance dos *gourmets* virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e ²_____ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a ²⁶dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados ³_____ maiores ou menores, tabernas ³⁵ou simples tascas. A Cidade ³²divertia-se também ¹³pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

(Ufrgs 2015) Considere as afirmações abaixo, a respeito dos tempos verbais utilizados no texto.

I. Os verbos **era** (ref. 29) e **dispunha** (ref. 30) estão conjugados no mesmo tempo e modo.

II. Todos os verbos do primeiro parágrafo estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo, porque fazem referência a rotinas e hábitos do passado.

III. Os verbos **ocupar-me** (ref. 31) e **divertia-se** (ref. 32) estão conjugados no modo subjuntivo.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) I, II e III.

Exercício 28

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

O lema da tropa

O destemido tenente, no seu primeiro dia como comandante de uma fração de tropa, vendo que alguns de seus combatentes apresentavam medo e angústia diante da barbárie da guerra,

gritou, com firmeza, para inspirar seus homens a enfrentarem o grupamento inimigo que se aproximava:

– Ou mato ou morro!

Ditas essas palavras, metade de seus homens fugiu para o mato e outra metade fugiu para o morro.

(Fear 2019) Considere o seguinte trecho do texto:

“– Ou mato ou morro!

Ditas essas palavras, metade de seus homens fugiu para o mato e outra metade fugiu para o morro.”

No fragmento acima, para que houvesse redução de possibilidades interpretativas, do ponto de vista morfológico, e manutenção do sentido original desejado pelo tenente, bastaria que ele, ao encorajar seus combatentes,

a) acrescentasse preposições, como, por exemplo, “para”, antes dos substantivos, criando locuções adverbiais.

b) acrescentasse determinantes às palavras, como, por exemplo, o artigo definido “o” antes dos substantivos.

c) conjugasse os verbos pronunciados no tempo presente do modo indicativo.

d) pronunciasse as palavras considerando-as como verbos na forma nominal do infinitivo.

Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A estranha passageira

Stanislaw Ponte Preta

– O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de voo - e ri nervosinha, coitada. Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se foi a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e me fiz de educado respondendo que estava às suas ordens.

Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula:

– Para que esse saquinho aí? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

– É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho.

Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou: – Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro? Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era um azougue* (...) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos por todos os lados.

O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem.

Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

– Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só pra ela? Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem. Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janelinha para ver a paisagem) e gritou:

– Puxa vida!!!

Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

– Olha lá embaixo.

Eu olhei. E ela acrescentou: – Como nós estamos voando alto, moço.

Olha só... o pessoal lá embaixo parece formiga.

Suspirei e lasquei:

– Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou voo.

<<http://atividadeslinguaportuguesa.blogspot.com.br/2013/08/a-estranha-passageira-estanislaw-ponte.html>> Acesso em: 26.02.2015. Adaptado.

* azougue: indivíduo que expressa ligeireza; quem é muito rápido.

(G1 - cps 2015) “O comandante já **esquentara** os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. **Percebi** que minha vizinha de banco **apertava** os olhos e lia qualquer coisa.”

As formas verbais em destaque foram empregadas no modo indicativo e a respeito delas é correto afirmar que

a) *esquentara* está no pretérito mais-que-perfeito e expressa incerteza sobre os fatos.

b) *esquentara* está no pretérito imperfeito e expressa convicção sobre fatos futuros.

c) *percebi* está no pretérito perfeito e expressa ação concluída no passado.

d) *apertava* está no pretérito perfeito e expressa ação habitual e repetitiva.

e) *percebi* está no pretérito imperfeito e expressa ação que perdura até o presente.

Exercício 30

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A garagem de casa

¹Com o portão enguçado, e num ²convite a ³ladrões de livros, a ⁴garagem de casa lembra uma biblioteca pública permanentemente aberta para a rua. ⁵Mas não são ⁶adeptos de literatura ⁷os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão. ⁸Esses desocupados ⁹matam o tempo jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos que mamãe amontoa num canto, sentados nos degraus do escadote com que ela alcança as prateleiras altas. ¹⁰Já quando fazem o obséquio de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco, em boa parte remessas de editores estrangeiros que têm apreço pelo meu pai. ¹¹Num reduto de literatura tão sortida, como bem sabem os habitués de sebos, fascina a perspectiva de por puro acaso dar com um livro bom. ¹²Ou *by serendipity*, como dizem os ingleses quando na caça a um tesouro se tem a felicidade de deparar com outro bem, mais precioso ainda. Hoje revejo na mesma prateleira velhos conhecidos, algumas dezenas de livros turcos, ou búlgaros ou húngaros, que papai é capaz de um dia querer destrinchar. Também continua em evidência o livro do poeta romeno Eminescu, que papai ao menos ¹³tentou ler, como é fácil inferir das folhas cortadas a espátula. Há uma edição em alfabeto árabe das Mil e Uma Noites que ele não ¹⁴leu, mas cujas ilustrações ¹⁵admirou longamente, como denunciam os filetes de cinzas na junção das suas páginas coloridas. Hoje tenho experiência para saber quantas vezes meu pai ¹⁶leu um mesmo livro, posso quase medir quantos minutos ele se ¹⁷deteve em cada página. ¹⁸E não costume perder tempo com livros que ele nem sequer ¹⁹abriu, entre os quais uns poucos eleitos que mamãe ²⁰teve o capricho de empilhar numa ponta de prateleira, confiando numa futura redenção. Muitas vezes a vi de manhãzinha compadecida dos livros estatelados no escritório, com especial carinho pelos que trazem a foto do autor na capa e que papai despreza: parece disco de cantor de rádio.

(Chico Buarque. *O irmão alemão*. 1 ed. São Paulo. Companhia das letras. 2014. p. 60-61.
Texto adaptado com o acréscimo do título.)

A obra *O irmão alemão*, último livro de Chico Buarque de Holanda, tem como móvel da narrativa a existência de um desconhecido irmão alemão, fruto de uma aventura amorosa que o pai dele, Sérgio Buarque de Holanda, tivera com uma alemã, lá pelo final da década de 30 do século passado. Exatamente quando Hitler ascende ao poder na Alemanha. Esse fato é real: o jornalista, historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, na época, solteiro, deixou esse filho na Alemanha. Na família, no entanto, não se falava no assunto. Chico teve, por acaso, conhecimento dessa aventura do pai em uma reunião na casa de Manuel Bandeira, por comentário feito pelo próprio Bandeira. Foi em torno da pretensa busca desse pretenso irmão que Chico Buarque desenvolveu sua narrativa ficcional, o seu romance. Sobre a obra, diz Fernando de Barros e Silva: “o que o leitor tem em mãos [...] não é um relato histórico. Realidade e ficção estão aqui entranhadas numa narrativa que embaralha sem cessar memória biográfica e ficção”.

(Uece 2015) Apesar de em número muito menor, o pretérito perfeito do indicativo, tempo da narrativa tradicional, está presente no texto: “tentou ler” (ref. 13), “leu” (ref. 14), “admirou” (ref. 15), “leu” (ref. 16), “deteve” (ref. 17), abriu (ref. 19), “teve” (ref. 20).

Assinale o que estiver correto sobre as formas verbais destacadas.

a) São formas verbais do passado que indicam estar o enunciador na velhice, recordando fatos da juventude.

b) São formas verbais que, estando no passado, fazem contraponto às outras formas verbais do texto, as quais indicam outro tempo e revelam certa confusão mental do enunciador.

c) São formas verbais no passado, que mostram o enunciador, que enuncia do presente, de vez em quando recordando fatos de um passado próximo.

d) São formas verbais no passado, que indicam estar o enunciador falando em um tempo posterior à morte do pai.

Exercício 31

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Utilize o texto para responder a(s) questão(ões).

A crescente intolerância no Rio Grande do Sul

Marcelo Gonzatto.

Atos de intolerância como a agressão racista sofrida pelo ex-árbitro de futebol Márcio Chagas da Silva, que encontrou bananas lançadas sobre seu carro após apitar um jogo do Campeonato Gaúcho, em março de 2014, estão entranhados no cotidiano dos gaúchos. Embora poucos casos como esse ganhem atenção, um estudo inédito revela que, a cada 36 horas, em média, uma ocorrência envolvendo preconceito foi registrada pela Polícia Civil nos últimos sete anos. Nada menos que 1.677 queixas decorrentes de ofensas ou ameaças carregadas de ódio a alguma etnia, nacionalidade ou origem chegaram ¹_____ delegacias gaúchas.

Isso significa que, a cada dia e meio, um confronto marcado pelo desprezo entre brancos, negros, asiáticos, indígenas ou judeus, entre gaúchos e não gaúchos, brasileiros e estrangeiros, entre pessoas de origens ou culturas diferentes desmentiu ²_____ reputação de hospitalidade que a população do Estado costuma atribuir ³_____ si. Mas nem mesmo a contabilidade oficial consegue dar a dimensão total do preconceito.

Como ⁴_____ pouca sistematização na coleta de dados sobre esse tipo de violação no país, é difícil fazer comparações entre os Estados. ⁵Além disso, muitas vezes, uma cifra maior de denúncias pode revelar um grau mais elevado de conscientização e ⁶mais facilidade de acesso a órgãos de fiscalização do que um maior número de situações de intolerância de fato. Por isso, é difícil supor se um gaúcho é mais ou menos amistoso que um

paulista ou baiano - mas as informações disponíveis dão conta de um cotidiano de ⁷beligerância.

O sociólogo José Luiz Bica de Melo identifica alguns traços culturais do gaúcho que estimulam determinadas formas de discriminação: o projeto de desenvolvimento baseado na vinda do imigrante europeu, em vez da integração do negro, contribuiu para a formação de estereótipos. Além disso, há uma certa tendência ⁸_____ violência fundamentada na questão histórica de que ⁹estabelecemos fronteiras através da guerra e ¹⁰construímos nosso mapa com as patas dos cavalos. Em muitas das fronteiras invisíveis que dividem os habitantes do Pampa, a guerra continua.

Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br>> (Acesso em 02 abr. 2015).

(G1 - ifsul 2015) Considerando a correlação verbal do texto, no fragmento textual: "estabelecemos fronteiras através da guerra e construímos nosso mapa" (ref. 9), os verbos sublinhados estão conjugados na

- a) primeira pessoa do singular do presente do indicativo.
- b) primeira pessoa do plural do presente do indicativo.
- c) primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo.
- d) primeira pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo.

Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia atentamente o texto abaixo para responder à(s) questão(ões).

Agora todo mundo tem opinião

Meu amigo Adamastor, o gigante, me apareceu hoje de manhã, muito cedo, aqui na biblioteca, e disse que vinha a fim de um cafezinho. ¹Mentira, eu sei. ²Quando ele vem tomar um cafezinho é porque está com alguma ideia borbulhando em sua mente. E estava. ³Depois do primeiro gole e antes do segundo, café muito quente, ele afirmou que concorda plenamente com a democratização da informação. Agora, com o advento da internet, qualquer pessoa, democraticamente, pode externar aquilo que pensa.

⁴Balancei a cabeça, na demonstração de uma quase divergência, e seu ⁵espanto também me espantou. Como assim, ele perguntou, está renegando a democracia⁶? Pedi com modos a meu amigo que não ⁷embaralhasse as coisas. Democracia não é um termo ⁸divinatório, que se aplique sempre, em qualquer situação.

Ele tomou o segundo gole com certa avidez e ⁹queimou a língua. Bem, voltando ao assunto, nada contra a democratização dos meios para que se divulguem as opiniões, as mais diversas, mais

esdrúxulas, mais inovadoras, e tudo o mais. É um direito que toda pessoa tem¹⁰: emitir opinião.

O que o Adamastor não sabia é que uns dias atrás andei consultando uns filósofos, alguns antigos, outros modernos, desses que tratam de um ¹¹palavrão que sobrevive até os dias atuais: gnoseologia. Isso aí, para dizer teoria do conhecimento. Sim, e daí?¹², ele insistiu.

O mal que vejo, continuei, não está na ¹³enxurrada de opiniões as mais isso ou aquilo na internet, e principalmente com a chegada do Facebook. Isso sem contar a imensa quantidade de textos ¹⁴apócrifos, muitas vezes até opostos ao pensamento do presumido autor, falsamente presumido. A graça está no fato de que todos, agora, têm opinião sobre tudo.

– Mas isso não é bom?

O gigante¹⁵, depois da maldição de Netuno¹⁶, tornou-se um ser impaciente.

O fato, em si, não tem importância alguma. O problema é que muita gente lê a enxurrada de bobagens que aparecem na internet não como opinião, mas como conhecimento. O Platão, por exemplo, afirmava que opinião (doxa) era o falso conhecimento. O conhecimento verdadeiro (episteme) depende de estudo profundo, comprovação metódica, teste de validade. Essas coisas de que se vale em geral a ciência.

O mal que há nessa “democratização” dos veículos é que se formam crenças sem fundamento, mudam-se as opiniões das pessoas, afirmam-se absurdos em que muita pessoa ingênua acaba acreditando. Sim, porque estudar, comprovar metodicamente, testar a validade, tudo isso dá muito trabalho.

O Adamastor não estava muito convencido da ¹⁷justeza dos meus argumentos, mas o café tinha terminado e ele se despediu.

Texto de Menalton Braff, publicado em 03 de abril de 2015.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/agora-todo-mundo-tem-opiniao-7377.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

(G1 - ifsul 2015) Julgue as afirmativas a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F).

- () Na referência 9, o verbo queimar é transitivo direto, cujo complemento é o objeto direto formado pela expressão a língua.
- () O verbo embaralhar (ref. 7) está conjugado no tempo pretérito perfeito do modo indicativo.
- () Quanto à acentuação ortográfica, as palavras café e lê distinguem-se por serem oxítona e monossílabo tônico, respectivamente.
- () O advérbio democraticamente é formado por processo de derivação, em que foi acrescentado o sufixo -mente ao radical do adjetivo feminino democrática.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) F – V – V – F.
- b) F – V – F – F.
- c) V – F – V – V.

d) V – F – F – V.

Exercício 33

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focaliza(m) uma passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

Água-Mãe

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele *back*¹, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

— Joca, você aqui não paga.

Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo *center-forward*² que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfureceu com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.

¹ Beque, ou seja, o zagueiro de hoje.

² Centroavante.

(*Água-Mãe*, 1974.)

(Unesp 2014) No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

a) pretérito perfeito do modo indicativo.

b) pretérito imperfeito do modo indicativo.

c) presente do modo indicativo.

d) presente do modo subjuntivo.

e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

Exercício 34

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Velhice

Vinícius de Moraes

¹Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente
Olhando as coisas através de uma filosofia sensata
E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.
Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito
Ou talvez tenha saído definitivamente dele
Então todos os meus atos serão
encaminhados no sentido do túmulo
E todas as ideias autobiográficas da
mocidade terão desaparecido:
Ficará talvez somente a ideia do testamento bem escrito.
Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida
Só terei uma experiência extraordinária.
Fecharei minha alma a todos e a tudo
Passará por mim muito longe o ruído da vida e do mundo
Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.
Nem o cigarro da mocidade restará.
Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados
E que dará a tudo um ar saturado de velhice.
Não escreverei mais a lápis
E só usarei pergaminhos compridos.
Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.

Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio
Cheio de irritação para com a vida
Cheio de irritação para comigo mesmo.
O eterno velho que nada é, nada vale, nada vive
O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.

MORAES, Vinícius. *Velhice*. Disponível em:<http://www.viniciusdemoraes.com.br/ptbr/poesia/poesias-avulsas/velhice>. Acesso: 23/9/17.

(Uece 2018) Sobre o uso da expressão verbal composta “eu hei de ser” (1º verso) no poema, é correto afirmar que

a) não mantém, com a forma “virá” (1º verso), paralelismo de tempo verbal de indicação de futuro.

b) poderia ser perfeitamente substituída pela forma simples “serei”, em razão de esta forma manter equivalência de mesmo tempo verbal com a expressão “hei de ser”.

c) marca uma atitude de plena certeza do sujeito enunciador frente ao que ele pretende ser quando se tornar velho.

d) entra em desarmonia com o uso predominante do futuro como tempo verbal no poema para indicar que as ações e os estados do enunciador ainda irão acontecer quando chegar a sua velhice.

Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto, do qual foram retiradas três palavras, e responda à(s) questão(ões).

ACHADO NÃO É ROUBADO

Fabrício Carpinejar

Não ganhava mesada, nem ajuda de custo na infância. Eu me virava como dava. Recebia casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir e _____ mais nada aos pais, só agradecer.

As minhas fontes de renda eram praticamente duas: procurar dinheiro nas bolsas vazias da mãe, torcendo para que deixasse alguma nota na pressa da troca dos acessórios, ou catar moedas nas ruas e nos bueiros.

A modalidade de caça a dinheiro perdido exigia disciplina e profissionalismo. Saía de casa pelas 13h e caminhava por duas horas, com a cabeça apontada ao meio-fio como pedra em estilingue. Varria a poeira com os pés e cortava o mato com canivete. Fui voluntário remoto do Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

Gastava o meu Kichute em vinte quadras, do bairro Petrópolis ao centro. Voltava quando atingia a entrada do viaduto da Conceição e reiniciava a minha arqueologia monetária no outro lado da rua.

Levava um saquinho para colher as moedas. Cada tarde rendia o equivalente a três reais. Encontrar correntinhas, colares e _____ salvava o dia. Poderia revender no mercado paralelo da escola. As meninas pagavam em jujubas, bolo inglês e guaraná.

Já o bueiro me socializava. Convidava com frequência o Liquinho, vulgo Ricardo. Mais forte do que eu, ajudava a levantar a pesada e lacrada tampa de metal. Eu ficava com a responsabilidade de descer _____ profundezas do lodo. Tirava toda a roupa – a mãe não perdoaria o petróleo do esgoto – e pulava de cueca, apalpando às cegas o fundo com as mãos. Esquecia a nojeira imaginando as recompensas. Repartia os lucros com os colegas que me acompanhavam nas expedições ao submundo de Porto Alegre. Lembro que compramos uma bola de futebol com a arrecadação de duas semanas.

Espantoso o número de itens perdidos. Assim como os professores paravam no meu colégio, acreditava na greve dos objetos: moedas e anéis rolavam e cédulas voavam dos bolsos para protestar por melhores condições.

Sofria para me manter estável, pois nunca pedia dinheiro a ninguém. Desde cedo, descobri que vadiar é também trabalhar duro.

Disponível em: <

<http://carpinejar.blogspot.com.br/2016/06/achado-nao-e-roubado.html> > Acesso em: 22 jun. 2016.

(G1 - ifsul 2017) Observe o trecho abaixo:

“Não ganhava mesada, nem ajuda de custo na infância. Eu me virava como dava. Recebia casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir...”

Se passarmos os verbos do trecho para a primeira pessoa do plural e mantivermos o mesmo tempo verbal, teremos:

a) Não ganhavas mesada, nem ajuda de custo na infância. Tu te viravas como dava. Recebias casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir...

b) Não ganhamos mesada, nem ajuda de custo na infância. Nós nos viramos como dava. Recebemos casa, comida e roupa lavada e não havíamos como miar, latir...

c) Não ganharam mesada, nem ajuda de custo na infância. Eles se viravam como dava. Recebiam casa, comida e roupa lavada e não haviam como miar, latir...

d) Não ganhávamos mesada, nem ajuda de custo na infância. Nós nos virávamos como dava. Recebíamos casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir...

Exercício 36

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Apesar do apoio popular, é bastante difícil que ocorram alterações na forma de punir adolescentes infratores no médio prazo. Isso porque a maioria penal em 18 anos (estabelecida pelo artigo 228 da Constituição Federal) é considerada um direito fundamental dos adolescentes. Por isso, Ministério Público Federal, Ordem dos Advogados do Brasil e especialistas argumentam que o artigo se trata de uma cláusula pétrea, que não pode ser alterada.

“É uma cláusula imutável. Para alterar a maioria penal seria necessário fazer uma nova constituição”, diz Melina Fachin, professora de Direito Constitucional da UFPR.

Ainda que Câmara e Senado tenham interpretações diferentes e aproveem uma das Propostas de Emenda à Constituição (PECs), alterando o artigo 228 da Carta Magna, a decisão se estenderia ao Supremo Tribunal Federal.

Outra alternativa seria mudar pontos do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente], prevendo outras formas e períodos de punição aos menores de 18 anos. MPF e OAB também já se manifestaram contra a hipótese. “O ECA é uma norma infraconstitucional. Então, sua alteração também seria inconstitucional, porque haveria conflito com o que a Constituição disciplina”, observa Melina.

Além do viés constitucional, o doutor em sociologia e coordenador do Núcleo de Estudos de Violência da UFPR, Pedro Bodê, defende o ECA e questiona as intenções de alteração na legislação. “Mais uma vez, o jovem é tornado em bode expiatório da derrocada dos governos e falência das políticas públicas que eles representam. É transformar a vítima em réu”, afirma.

O deputado Fernando Francischini (PEN) discorda e se apega ao clamor público para justificar a redução. “A Constituição é feita para proteger a população. A gente não pode dizer que a Constituição é imutável, se a própria população quer mudá-la.”

Fonte: Câmara dos Deputados e Senado Federal.

(Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/90-apoiam-reducao-da-idade-penal-c8e24o0vlosyiway5n00aryvi/> Acesso em: 27 maio de 2015.)

(G1 - ifsc 2016) Assinale a alternativa **CORRETA**

a) No período “A Constituição é feita para proteger a população”, o termo grifado é o núcleo do objeto indireto do verbo “proteger”.

b) Em “(...) é bastante difícil que ocorram alterações na forma de punir adolescentes infratores no médio prazo (...)”, a concordância do verbo grifado poderia ser também no singular, uma vez que se trata de um sujeito plural e posposto ao verbo.

c) Na oração “É uma cláusula imutável.”, o vocábulo grifado é um adjetivo e pode ser substituído por “inalterável”.

d) Em “Apesar do apoio popular, é bastante difícil que ocorram alterações na forma de punir adolescentes infratores no médio prazo”, a palavra em destaque é uma conjunção subordinativa.

e) Na oração “(...) a decisão se estenderia ao Supremo Tribunal Federal.”, a forma verbal grifada poderia ser substituída por “estendeu”, sem qualquer alteração no tempo verbal.

Exercício 37

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um escritor! Um escritor!

Antônio Prata*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu *caminhava pelas ruas de* ¹**Kiev**, *desviando de barricadas e coquetéis molotov*, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos. Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente ²**fagocitada** pela inveja. Ora, quando a *medicina nasceu, com Hipócrates, a história de* ³**Gilgamesh** já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele,

mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida

⁵**anamnese**: perguntaria os motivos da briga, ⁵se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o gerúndio.

Eu sorriria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências”, então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse acontecido, *para as* ⁶**bombas da Crimeia**, com meu copo de guaraná.

*Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de *Nu, de Botas*.

Jornal Folha de São Paulo, 25 mai. 2014 – Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>>. Acesso em 27 ago.2019.

Vocabulário de apoio:

¹ **Kiev**: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: “*eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*”, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos ‘barricadas’ (trincheiras feitas de improviso) e ‘coquetéis molotov’ (tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

² **fagocitada**: neologismo criado a partir de *fagocitose*: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células amebóides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, ‘fagocitada’ pode ser substituída por ‘devorada’.

³ No trecho: “*a medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh*”, o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o “pai da Medicina” – e a Gilgamesh – rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da *Epopeia de Gilgamesh*, um épico mesopotâmico preservado em tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

⁴ **anamnese**: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

⁵ No trecho: “se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**”, o autor se refere a um escritor francês (**Proust**, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a **UFC**, cuja sigla em inglês *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

⁶ **bombas da Crimeia** – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

(G1 - cftmg 2020) No trecho: “Eu não me **abalaria**. **Fecharia** o jornal, sem afobação, **poria** uma Bic e um guardanapo no bolso, **iria** até a senhora gorducha e me **agacharia** ao seu lado. **Conversariamos** baixinho.”, o autor empregou o mesmo tempo e o mesmo modo nos verbos grifados para expressar uma

- a) situação imaginada a partir da narração.
- b) sequência de fatos narrados no passado.
- c) ação planejada para o futuro do narrador.
- d) imposição de ações aos personagens da cena.

Exercício 38

(G1 - ifpe 2018)



As campanhas, de modo geral, sejam elas institucionais ou comerciais, buscam a adesão do interlocutor. Na figura acima, o principal recurso para atingir esse objetivo é

- a) a relação temporal introduzida pela oposição entre os advérbios “hoje” e “amanhã”.
- b) o emprego de verbos no imperativo e do pronome de tratamento “você”.
- c) a analogia entre as pessoas do discurso “ela” e “eu” e a imagem de duas mulheres centralizada no texto.
- d) a orientação sobre a idade das meninas que devem ser vacinadas.
- e) a utilização de balões de fala, como recurso de intertextualidade com uma história em quadrinhos.

Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A CONDIÇÃO HUMANA

A *Vita Activa* e a Condição Humana

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação. Trata-se de atividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra.

¹O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. ²Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

³A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda a vida política. Assim, o idioma dos romanos – talvez o povo mais político que conhecemos – empregava como sinônimas as expressões “viver” e “estar entre os homens” (*inter homines esse*), ou “morrer” e “deixar de estar entre os homens” (*inter homines esse desinere*).

⁴Mas, em sua forma mais elementar, a condição humana da ação está implícita até mesmo em Gênesis (macho e fêmea Ele os criou), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o Homem (adam) – a ele, e não a eles, de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação⁵. ⁶A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. ⁷A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. ⁸O trabalho e seu produto, o artefato humano, ⁹emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do corpo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. ¹⁰O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e

preservar o mundo para ¹¹o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta. ¹²Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade.

¹³Além disto, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isso que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante. A objetividade do mundo – o seu caráter de coisa ou objeto – e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. pp. 15-17 (texto adaptado).

⁵Quando se analisa o pensamento político pós-clássico, muito se pode aprender verificando-se qual das duas versões bíblicas da criação é citada. Assim, é típico da diferença entre os ensinamentos de Jesus de Nazareth e de Paulo o fato de que Jesus, discutindo a relação entre marido e mulher, refere-se a Gênesis 1:27 “Não tendes lido que quem criou o homem desde o princípio fê-los macho e fêmea” (Mateus 19:4), enquanto Paulo, em ocasião semelhante, insiste em que a mulher foi criada “do homem” e, portanto, “para o homem”, embora em seguida atenuar um pouco a dependência: “nem o varão é sem mulher, nem a mulher sem o varão” (1 Cor.11:8-12). A diferença indica muito mais que uma atitude diferente em relação ao papel da mulher. Para Jesus, a fé era intimamente relacionada com a ação; para

Paulo, a fé relacionava-se, antes de mais nada, com a salvação. Especialmente interessante a este respeito é Agostinho (*De civitate Dei* xii.21), que não só desconsidera inteiramente o que é dito em Gênesis 1:27, mas vê a diferença entre o homem e o animal no fato de ter sido o homem criado *unum ac singulum*, enquanto se ordenou aos animais que “passassem a existir vários de uma só vez” (*plura simul iussit existere*). Para Agostinho, a história da criação constitui boa oportunidade para salientar-se o caráter de espécie da vida animal, em oposição à singularidade da existência humana.

(Ime 2018) Observe o trecho do texto abaixo destacado:

(...) A ação **seria** um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. (referência 6).

A forma verbal **seria**, destacada no trecho acima,

- a) expressa surpresa ou indignação.
- b) fala de algo incerto.
- c) indica um fato que está condicionado a uma outra ação.
- d) introduz um pedido ou desejo de forma mais educada.
- e) trata de um acontecimento futuro em relação a outro já ocorrido.

Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na última hora de sua vida.

Meu Deus que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito,
Porém pode ter fim todo pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

MATOS, Gregório. In: AMADO, James (Org.) Obras Completas de Gregório de Matos. Salvador: Ed. Janaína, 1968. V. I, p. 47.

(Uefs 2017) Sobre aspectos de morfossintaxe presentes no texto, é correto afirmar:

- I. A forma verbal de segunda pessoa “estais”, no verso 1, é compatível com o uso do pronome “vosso” nos versos 9, 11 e 14.
- II. “viver” (v. 2), “morrer” (v. 3), anoitecer (v. 6) e “ver” (v. 7) estão usados no texto como intransitivos.
- III. “hei de” (v. 3) é uma expressão verbal que enfatiza promessa, obrigação ou desejo no futuro.
- IV. Na sentença “Mui grande é vosso amor e meu delito” (v. 9), aplica-se uma norma de concordância verbal aceitável.
- V. As expressões “Meu Deus” (v. 1), “meu Jesus” (v. 7) e “manso Cordeiro” (v. 8) são apostos.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.

Exercício 41

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto abaixo é referência para a(s) questão(s) a seguir.

Dependendo do contexto em que são empregados, termos como “aí”, “até” e “ir” ora denotam espaço, ora denotam tempo. Esses variados sentidos que as palavras podem assumir nem sempre são precisamente especificados no dicionário.

Talvez o exemplo mais interessante para ilustrar a indicação de tempo ou de espaço com a mesma palavra seja o verbo “ir”. O sentido primeiro (aceitemos isso para efeito de raciocínio) do verbo “ir” é de deslocamento: “alguém vai de A a B” quer dizer que alguém se desloca do ponto A ao ponto B. Trata-se de espaço.

Dizemos também, por exemplo, que a Bandeirantes vai de Piracicaba a S. Paulo. Mas é claro que a rodovia não se desloca: ela começa em uma cidade e termina em outra. Não há sentido de deslocamento nessa oração, mas ainda estamos no domínio do espaço.

Agora, veja-se outro caso: também dizemos que o período colonial vai de 1500 a 1822 (ou a 1808, conforme o ponto de vista). Nesse exemplo, ninguém se desloca, nem se informa sobre dois pontos do espaço, dois lugares extremos. Agora não se trata mais de espaço. Trata-se de tempo. E o verbo é o mesmo.

POSSENTI, Sírío. Analogias. Disponível em:

<<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/analogias>>.

Acesso em 23 mai. 2014.

(Ufpr 2016) O verbo “ir” tem, ainda, outro uso corrente não contemplado no texto: pode ser uma partícula unicamente

gramatical responsável por marcar o tempo futuro do verbo principal da oração. Assinale a alternativa representativa desse uso.

- a) Enquanto aguardamos o telefonema da Joana, o Luís vai ao mercado e compra os salgados para o café.
- b) O período de inscrição para o concurso foi divulgado: vai de novembro a dezembro.
- c) Já noticiaram: o técnico vai divulgar o nome dos jogadores convocados nesta semana.
- d) Amanhã, este carro vai para a oficina, para reparos no freio e na lataria.
- e) Você já guardou tudo? Vai que ele chegue sem avisar...

Exercício 42

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento*, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e o cumprimento do estudo.

Pra todo mundo, universal mesmo. ¹Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja ²orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense.

Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da ³URCA, haja primos, ⁴pense num povo metido, né, ⁵ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, ⁶esse povo “lá de nós”, como na bendita ⁷linguagem caririense, ⁸formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda ⁹vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ¹⁰viva o gênio Anísio Teixeira, tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio ¹¹que constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. ¹²Desculpa aí, hoje só ¹³venho ¹⁴com as grandezas. Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008). Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularíssima fábula sobre — ¹⁵repare só! — dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do*

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira. Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a

avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na *Gazeta*, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

(Unesp 2019) Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

- a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)
- b) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)
- c) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3º parágrafo)
- d) “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)
- e) “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)

Exercício 44

(G1 - ifsul 2018) Observe os verbos destacados no trecho a seguir.

De fato, se eu escrevesse melhor do que Machado de Assis, poderia recriar personagens como Dom Casmurro ou descrever com mais poesia o olhar de ressaca de Capitu.

Esses verbos estão conjugados, respectivamente, no

- a) presente do indicativo – futuro do pretérito do indicativo.
- b) presente do subjuntivo – futuro do presente do indicativo.
- c) pretérito imperfeito do subjuntivo – futuro do pretérito do indicativo.
- d) pretérito imperfeito do indicativo – futuro do presente do indicativo.

Exercício 45

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Se não quiser adoecer

Por Dr. Dráuzio Varela

"Fale de seus sentimentos"

Emoções e sentimentos que são escondidos, reprimidos, acabam em doenças como: gastrite, úlcera, dores lombares, dor na coluna. Com o tempo, a repressão dos sentimentos degenera até em câncer. Então vamos desabafar, confidenciar, partilhar nossa

intimidade, nossos segredos, nossos pecados. O diálogo, a fala, a palavra é um poderoso remédio e excelente terapia.

"Busque soluções"

Pessoas negativas não enxergam soluções e aumentam os problemas. Preferem a lamentação, a murmuração, o pessimismo. Melhor é acender o fósforo que lamentar a escuridão. Pequena é a abelha, mas produz o que de mais doce existe. Somos o que pensamos. O pensamento negativo gera energia negativa que se transforma em doença.

"Aceite-se"

A rejeição de si próprio, a ausência de autoestima, faz com que sejamos algozes de nós mesmos. Ser eu mesmo é o núcleo de uma vida saudável. Os que não se aceitam são invejosos, ciumentos, imitadores, competitivos, destruidores. Aceitar-se, aceitar ser aceito, aceitar as críticas, é sabedoria, bom senso e terapia.

"Não viva SEMPRE triste!"

O bom humor, a risada, o lazer, a alegria recuperam a saúde e trazem vida longa. A pessoa alegre tem o dom de alegrar o ambiente em que vive.

"O bom humor nos salva das mãos do doutor". Alegria é saúde e terapia.

(Trechos retirados de Pensador.uol.com.Br/autor/dr_drauzio_varela. Acesso em 11 de abril de 2015, às 11h.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2016) Observe as formas verbais empregadas nos enunciados abaixo e assinale **V** para as proposições verdadeiras e **F** para as falsas. A seguir, marque a sequência correta.

- I. “Se não quiser adoecer, fale de seus sentimentos.”
- II. “Pessoas negativas não enxergam soluções e aumentam os problemas.”
- III. “A rejeição de si próprio, a ausência de autoestima, faz com que sejamos algozes de nós mesmos.”
- IV. “Aceitar-se, aceitar ser aceito, aceitar as críticas, é sabedoria, bom senso e terapia.”
- V. “Não viva sempre triste!”

- () O presente do indicativo aparece nos enunciados II, III e IV com o objetivo de exprimir um fato verdadeiro e que não pertence a uma época determinada.
- () No enunciado I, o verbo “falar” encontra-se no presente do subjuntivo e expressa um fato incerto, mas que apresenta a expectativa do locutor de que venha a se realizar.
- () Com o objetivo de manter o paralelismo verbal, se colocássemos a primeira forma verbal do período III no pretérito perfeito do indicativo, teríamos que usar a forma verbal “fôssemos” na segunda oração.
- () O particípio do verbo “aceitar”, no enunciado IV, foi utilizado na formação da voz passiva.
- () O verbo “viver”, na frase V, encontra-se flexionada na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo.

- a) F - V - F - F - V

b) V - F - V - V - F

c) V - F - V - F - F

d) F - F - F - V - V

Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha,

jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos

sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce

na frincha de teus muros empenados,

e a plantinha desvalida, de caule mole

que se defende, viceja e floresce

no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha

que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,

secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,

no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho,

pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura

todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,

discriminados e humildes,

lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.

Beco do Cotovelo.

Beco do Antônio Gomes.

Beco das Taquaras.

Beco do Seminário.

Bequinho da Escola.

Beco do Ouro Fino.

Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.

Beco do Mingu.

Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,

dos becos da minha terra,

suspeitos... mal afamados

onde família de conceito não passava.

“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

De gente do pote d’água.

De gente de pé no chão.

Becos de mulher perdida.

Becos de mulheres da vida.

Renegadas, confinadas

na sombra triste do beco.

Quarto de porta e janela.

Prostituta anemiada,

solitária, hética, engalicada,

tossindo, escarrando sangue

na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.

Becos de assombração...

Altas horas, mortas horas...

Capitão-mor - alma penada,

terror dos soldados, castigado nas armas.

Capitão-mor, alma penada,

num cavalo ferrado,

chispando fogo,

descendo e subindo o beco,

comandando o quadrado - feixe de varas...

Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,

perdidas,

começavam em boas casas, depois,

baixavam pra o beco.

Queriam alegria. Faziam bailaricos.

- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.

O delegado-chefe de Polícia - brabeza -

dava em cima...

Mandava sem dó, na peia.

No dia seguinte, coitadas,

cabeça raspada a navalha,

obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,

na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...

Becos de assombração.

Românticos, pecaminosos...

Têm poesia e têm drama.

O drama da mulher da vida, antiga,

humilhada, malsinada.

Meretriz venérea,

desprezada, mesentérica, exangue.

Cabeça raspada a navalha,

castigada a palmatória,

capinando o largo,

chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande coletivo de São Vicente.
Uma estação permanente de repouso - no aprazível São Miguel.
Cai o pano.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.
21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006.

(lme 2019)

“E aquele menino, lenheiro ele, salvo **seja**.” (verso 23)

O modo em que se encontra o verbo **ser** na forma verbal acima destacada, em contraste com o modo de todas as outras formas verbais do poema, evoca

- a) um indício de certeza, característico do modo indicativo das formas verbais em português, pois é certo que a vida do menino é amarga.
- b) algo irreal, hipotético, expresso pelo modo subjuntivo, que aponta, no entanto, para um desejo, uma possibilidade, no caso, de que o menino seja resgatado daquele cotidiano que lhe rouba a infância.
- c) um anúncio, um sinal pertinente ao modo indicativo, de que o menino será salvo de sua realidade tão dura.
- d) a certeza, expressa pelo modo verbal, de que a existência do menino é atravessada pelo trabalho infantil.
- e) o tom imperativo da voz poética que está presente não apenas nesse verso, mas ao longo de todo o poema.

Exercício 47

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) quest(ões).

Dá pra desenhar?

Marcelo Gruman



Numa cena de um de meus comediantes favoritos, ¹Jerry Seinfeld, seu amigo neurótico George se vê às voltas com a necessidade de resgatar alguns livros deixados na casa de uma moça com quem acabou de terminar um relacionamento. Jerry não vê problema algum, mas George não gosta da ideia. Jerry, então, diz para o amigo esquecer os livros, perguntando-lhe se realmente precisa deles. George diz que sim, que precisa dos livros, e Jerry pergunta por quê. George responde que os livros são seus e que, por isso, precisa deles. E por que precisa deles?, insiste Seinfeld. George exclama simplesmente “são livros!”. Seinfeld indaga, então: “Que obsessão é essa com os livros? As pessoas os colocam em suas

casas como se fossem troféus. Para que você precisa deles depois de serem lidos?”. E ironiza, finalmente, “Sabe, o legal de ler ²*Moby Dick* pela segunda vez é que *Ahab* e a baleia ficam amigos”.

Quando abro a porta de meu apartamento dou de cara com uma estante cheia de livros, meus troféus. Ali estão meus favoritos da literatura brasileira, João Ubaldo, Veríssimo, Rubem Fonseca, Nelson Rodrigues, Cony, e também os estrangeiros, Saramago, Roth, Dostoiévski, Tchekhov e muitos outros. Também me orgulha uma pequena biblioteca de livros com a temática judaica e outra com obras que fizeram e fazem parte de minha formação antropológica. A reação de quem se depara com as prateleiras cheias de livros é variada, há quem exclame maravilhado com os títulos ali dispostos, há quem pergunte, à *la Seinfeld*, para que tanto livro, para que acumular poeira e traças. No quarto de meu filho, a galeria de troféus aumenta um pouco a cada mês, somando-se ao folclore brasileiro e gibis da Turma da Mônica e Batman histórias da porquinha Olivia em português e espanhol e clássicos da literatura estrangeira, como *The cat in the hat*. A escola faz a sua parte, o troca-troca de livros entre os colegas e a ida semanal à biblioteca garante que, pelo menos, dois livros sejam lidos fora do horário de estudos formal, geralmente à hora de deitar para dormir.

Damos importância ao livro e, sobretudo, à leitura. Claro, para ler um livro, é preciso, primeiro, saber ler. Cultivamos o hábito da leitura, cultivamos o intelecto, a leitura como instrumento para gerar a autonomia, para a construção da própria trajetória de vida, para a compreensão e interpretação do mundo que nos cerca a partir do nosso ponto de vista, e não de terceiros, uma empobrecida leitura mastigada, enviesada e, muitas vezes, coalhada de preconceitos e estereótipos. A capacidade de ler permite o acesso a mundos até então desconhecidos, do *Saci Pererê*, do *Lobo Mau*, da *Chapeuzinho Vermelho*, da *Mula Sem Cabeça*. Permite a construção de nossa identidade, daquilo que somos, ou melhor, que estamos, porque aquilo que somos pode mudar sempre, é só querermos. Nada mais emocionante do que ver seu filho, de repente, ler o letreiro de uma loja, pela primeira vez. Um novo mundo se abre: um mundo de possibilidades infinitas, mundos infinitos.

Para mim, o livro tem de ter cheiro, às favas com minha alergia à poeira. Eu preciso manuseá-lo, tocá-lo, virar suas páginas. O livro é parte constituinte de quem sou, de minha identidade, é extensão de meu corpo, está impregnado de memória, da minha memória, da minha história. Livro não é produto biodegradável, descartável, pós-moderno, do tipo “lavou, está novo”. O livro estabelece ligações afetivas. Lembro-me de um colega de faculdade comentando, certa vez, com certa excitação, que havia encontrado, num sebo, determinado livro que a namorada procurava fazia não sei quanto tempo. O tesouro seria dado como presente de aniversário. Poderia ser o *Harry Potter* ou *Cinquenta tons de cinza*, boa literatura, má literatura, o importante é ler... As livrarias no Rio de Janeiro estão desaparecendo, sobretudo os sebos, que teimam em comercializar objetos sujos de história. [...] É a tal “civilização digital”. Se não digital, do ³*kindle* e do ⁴*iPhone*, do ambiente asséptico, inodoro, impessoal de cadeias livreiras como Cultura, Travessa ou Saraiva, padronizadas. Chegamos à era da “*mcdonaldização*” do hábito de ler. Sem passado, sem futuro, um presente contínuo.

Não bastasse o desprestígio do livro físico, vivemos o “triunfo total da não leitura”, conforme o editor de não ficção e literatura brasileira da Editora Record, Carlos Andreazza, que resolveu lançar a campanha pela “maioridade intelectual”, que considera uma provocação à onda dos livros de colorir. Para ele, o editor também é um educador e tem a obrigação de atrair o leitor jovem-adulto, ampliando o público leitor como uma resposta saudável a esta atração cultural que é “o livro de unir os pontinhos”, como ironicamente o define Joaquim Ferreira dos Santos. Andreazza diz que, hoje, somos obrigados a falar redundâncias bárbaras como “livro para ler”. Uma piada de mau gosto porque livro pressupõe leitura.

[...] Há não muito tempo, perguntávamos a quem não entendia o que falávamos se gostaria que desenhássemos a explicação. Era uma brincadeira, uma forma de infantilizar o interlocutor. Chegou o dia em que a piada perdeu a graça, porque deixou de ser piada.

Fonte: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Da-pra-desenhar-/39/33645>>, texto adaptado. Acesso em: 03 set. 2015

Vocabulário de apoio:

¹**Jerome “Jerry” Allen Seinfeld** – ator e humorista norte-americano, atua em Nova Iorque, EUA.

²**Moby Dick** – romance do autor estadunidense Herman Melville. O nome da obra é o de uma baleia enfurecida, de cor branca, que conseguiu destruir baleeiros que a haviam ferido. Originalmente foi publicado em três fascículos com o título de *Moby-Dick* ou *A Baleia*, em Londres, em 1851, e, ainda no mesmo ano, em Nova York, em edição integral. O livro foi revolucionário para a época, com descrições intrincadas e imaginativas das aventuras do narrador – Ismael, suas reflexões pessoais, e grandes trechos de não ficção, sobre variados assuntos, como baleias, métodos de caça a elas, arpões, a cor branca (de Moby Dick), detalhes sobre as embarcações e funcionamentos, armazenamento de produtos extraídos das baleias.

³**Kindle** – leitor de livros digitais desenvolvido pela subsidiária da Amazon, que permite aos usuários comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros digitais, jornais, revistas, e outras mídias digitais via rede sem fio.

⁴**iPhone** – linha de *smartphones* (telefones celulares multifuncionais) concebidos e comercializados pela Apple Inc.

(G1 - cftmg 2016) Considere o trecho a seguir:

[...] Há não muito tempo, perguntávamos (1) a quem não entendia o que falávamos se gostaria (2) que desenhássemos (3) a explicação. Era uma brincadeira, uma forma de infantilizar o interlocutor. Chegou o dia em que a piada perdeu a graça, porque deixou de ser piada.

A indicação da desinência modo-temporal dos verbos 1, 2 e 3, grifados nesse trecho, está correta em

a) (1) pretérito imperfeito do subjuntivo; (2) futuro simples do indicativo; (3) pretérito perfeito do indicativo.

b) (1) pretérito perfeito do indicativo; (2) pretérito imperfeito do indicativo; (3) pretérito imperfeito do indicativo.

c) (1) pretérito imperfeito do indicativo; (2) futuro do pretérito do indicativo; (3) pretérito imperfeito do subjuntivo.

d) (1) pretérito mais-que-perfeito do indicativo; (2) futuro do pretérito do indicativo; (3) pretérito perfeito do subjuntivo.

Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) abaixo refere(m)-se ao texto a seguir.

Tecendo a leitura

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de renda e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade ¹similar ²presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. Mas ler é ³essencial.

E não apenas para aqueles que ⁴almejam participar da produção cultural mais sofisticada, dos requintes da ciência e da técnica, da filosofia e da arte literária. A própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela. ⁵Assim, no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial.

Mas a leitura literária também é fundamental.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas ⁶utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: ⁷mas porque precisa ler muitos.

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, ⁸este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto ⁹afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros.

(Trecho adaptado de: LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática,

(Feevale 2016) Marque a alternativa correta.

- a) O sujeito dos verbos **afasta**, **afeta** e **redimensiona** (referência 9) é "texto".
- b) O articulador **mas** (referência 7) expressa uma relação de oposição.
- c) O pronome **este** (referência 8) refere-se a "significado pessoal".
- d) O verbo **presida** (referência 2) está conjugado no Futuro do Subjuntivo.
- e) O articulador **assim** (referência 5) expressa ideia de comparação.

Exercício 49

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Vespertina tropical

²⁴Então ⁴Deus, tendo acabado de criar o firmamento e os continentes, o homem e ¹⁰a mulher, a zebra, os elétrons, o umbu e a neblina, quis dar um último toque em Sua obra: num arroubo de lirismo, lá pelas 17h54 do sexto dia, pintou a aurora boreal. É, ¹²de fato, um ³troço estupendo: ²⁸mais bonito que o pôr do sol, mais improvável que a girafa, mais grandioso que o relâmpago. Era pra ser o corolário da criação, a maior atração da Terra, ³²diante da qual casais em lua de mel deixariam cair os queixos, japoneses ergueriam as câmeras e mochileiros bateriam palmas, contentes por terem nascido neste planeta abençoado e multicolor, mas, ¹⁴infelizmente, como se sabe, ²⁵a aurora boreal ¹não ¹⁵pegou.

¹⁶Claro: ³¹é longe, é raro e é muito cedo, como esses espetáculos incríveis encenados domingo de manhã no Sesc Belenzinho. Imagina se a aurora boreal fosse nos trópicos, seis e meia da tarde? ¹¹O sujeito tá num táxi na avenida Atlântica, olha pro lado, o céu todo verde e amarelo e laranja e roxo, saca o celular, faz um "selfie" [tava louco pra usar essa palavra], posta "#vespertinatropical!!!" e segue pra casa, satisfeito. Mas não, é pra lá da Groenlândia, 4h30 AM, ninguém sabe quando: aí, não adianta reclamar que o público é ignorante e prefere a caretice hollywoodiana de um arco-íris.

Fosse só a aurora boreal, ¹³beleza, mas ¹⁸a natureza tá cheia de desarranjos semelhantes. Não surpreende: ela foi criada há milhões de anos, nunca passou por uma revisão e ainda é administrada pelo fundador. ³⁰Se eu fosse ⁵Javé, chamava uma dessas consultorias especializadas em fazer a transição de ⁸empresas familiares para organizações, digamos, mais competitivas, e dava um choque de gestão. Nem precisa gastar muito, basta alocar melhor os recursos.

¹⁹Veja os cometas, por exemplo. Tudo espalhado por aí, nos visitam só a cada 70, cem anos, às vezes chegam de lado, outras vezes de dia, ninguém vê, ²baita desperdício de energia.

Por que não ⁹otimizar essas órbitas? ³³Fazer com que venham cinco, dez ao mesmo tempo na noite de Réveillon, proporcionando uma queima de fogos global à nossa sofrida humanidade?

²⁰A gravidade é outro assunto que merece uma calibrada: tem que ser mesmo 9,8 m/s²? Por quê? Como Deus chegou a esse número? Gostaria que Ele abrisse as planilhas para entendermos se cada m/s² é realmente necessário. Com metade dessa atração, nós continuaríamos colados ao chão e seria muito mais agradável se locomover por aí. O mínimo que o Senhor poderia fazer era dar uma amainada de dezembro a março: imagina que alívio encarar esse calorão com 25% menos esforço, durante a "Gravidade de Verão". ¹⁷Sem falar, óbvio, em 50% para grávidas, idosos e cadeirantes.

²⁶Não tenho dúvida de que o ⁶Todo Poderoso resistirá a essas e outras reformas. ²²Criar o Universo é o tipo da coisa que infla um pouco o ego do sujeito, ²⁷mas seria bom se Ele se animasse a colocar o mundo nos eixos - literalmente: ²³já repararam como a Terra gira toda torta, envergada como um frei Damião?

²¹Se meu pacote de sugestões não puder convencê-Lo pelo bom senso, quem sabe ao menos uma parte cutuque a Sua vaidade? Ora, ⁷El Shaddai, ²⁹a aurora boreal é um negócio tão lindo, tão grandioso, tão divino, não é justo que siga sendo exibida, ano após ano, apenas para os ursos-polares, as focas e a Björk, é ou não é?

PRATA, Antonio. "Vespertina Tropical". *Folha de São Paulo*.

Disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/02/1406077-vespertina-tropical.shtml>. Acesso em 21 mar. 2014

(Upf 2014) Os tempos e os modos verbais contribuem para construir, no texto, determinados efeitos de sentido. Acerca desses efeitos, afirma-se:

- I. O futuro do pretérito é usado para dar ideia de probabilidade, como ocorre em "diante da qual casais em lua de mel deixariam cair os queixos, japoneses ergueriam as câmeras e mochileiros bateriam palmas" (ref. 32).
- II. O imperativo afirmativo contribui para construir o efeito de proximidade com o leitor, como ocorre em "Veja os cometas, por exemplo" (ref. 19).
- III. O presente do subjuntivo é usado para dar ideia de possibilidade de ação, como ocorre em "Fazer com que venham cinco, dez ao mesmo tempo" (ref. 33).

Estão **corretas** as afirmações apresentadas em:

- a) I, II e III.
- b) I e II apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I apenas.

e) III apenas.

Exercício 50

(Ufsc 2012) **TEXTO I**

Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o ¹vemos empossado, e que exercia [...] desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliza, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonita. [...] Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, ²como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte ³estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos. Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos; e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

ALMEIDA, M. A. *Memórias de um Sargento de Milícias*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996. p. 16-17.

TEXTO II

⁴Mandara Pereira acender uma vela de sebo. Vinda a luz, aproximaram-se ambos do leito da enferma que, achegando ao corpo e puxando para debaixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, se encolheu toda, e voltou-se para os que entravam.

– Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de vez.

– Boas-noites, dona, saudou Cirino.

Tímida voz murmurou uma resposta, ao passo que o jovem, no seu papel de médico, se sentava num escabelo junto à cama e tomava o pulso à doente.

Caía então luz de chapa sobre ela, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

[...]

Ligeiramente enrubesceu Inocência e descansou a cabeça no travesseiro.

– Por que amarrou esse lenço? perguntou em seguida o moço.

– Por nada, respondeu ela com acanhamento.

– Sente dor de cabeça?

– Nhor-não.

– Tire-o, pois: convém não chamar o sangue; solte, pelo contrário, os cabelos.

Inocência obedeceu e descobriu uma espessa cabeleira, negra como o âmago da cabiúna e que em liberdade devia cair até abaixo da cintura. Estava enrolado em bastas tranças, que davam duas voltas inteiras ao redor do cocoruto.

[...]

Não se descuidou Cirino, antes de se retirar, de novamente tomar o pulso e, à conta de procurar a artéria, assentou toda a mão no punho da donzela, envolvendo-lhe o braço e apertando-o docemente.

Saiu-se mal de tudo isso; porque, se tratava da cura de alguém, para si arranjava enfermidade e bem grave.

TAUNAY, A. d'E. *Inocência*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996. p. 57-58; 72.

Quanto aos fatos gramaticais, marque a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)** relativamente aos textos acima.

01) A forma verbal “vemos” (ref. 1), no presente do indicativo, provoca um efeito de proximidade entre o escritor e o leitor. É como se, no ato da leitura, leitor e escritor estivessem juntos a observar os eventos da história.

02) O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo em “como se já esperasse por aquilo” (ref. 2) confere ao evento um grau de certeza maior do que se conseguiria com o uso do pretérito imperfeito do indicativo – “como já esperava por aquilo”.

04) Em “estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos” (ref. 3), a forma “sê-lo” é uma combinação do verbo ser com o pronome oblíquo átono “o”, o qual se refere a “amantes”.

08) No texto II, na descrição de Inocência (§ 6 e 7) o autor utiliza alguns verbos no pretérito imperfeito (era, irradiava, parecia), os quais poderiam ser conjugados no pretérito perfeito (foi, irradiou, pareceu) sem que isso implicasse mudança de sentido.

16) A forma verbal “mandara” (ref. 4) corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

do verbo *mandar* e equivale a tinha mandado.

Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[haute couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas
[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no
[terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

* “haute couture”: alta costura.

(Fuvest 2012) Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

a) indicativo; expressar verdades universais.

b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.

c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.

d) indicativo; relacionar ações habituais.

e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O leão e a raposa

Um ¹¹leão envelhecido, ¹não podendo mais procurar alimento por sua própria conta, julgou que devia arranjar um jeito de fazer isso. E, então, foi a uma caverna, deitou-se e se fingiu de doente. Dessa forma, quando ⁸recebia a visita de outros ¹³animais, ele ⁴os pegava e ⁵os comia. Depois que muitas ¹⁴feras ⁶já tinham morrido, uma ¹²raposa, ciente da armadilha, parou a ⁹certa distância da caverna e perguntou ao leão como ele estava. Como ele ²respondesse: “Mal!” e lhe ³perguntasse ¹⁰por que ela não entrava, disse a raposa: “Ora, eu entraria ⁷se não visse marcas de muitos entrando, mas de ninguém saindo”.

Esopo - escritor grego do século VI a.C.

(Mackenzie 2012) Assinale a alternativa correta

a) O fragmento *não podendo mais procurar alimento por sua própria conta* (ref. 1) apresenta a causa da decisão assumida pelo leão.

b) A narrativa contém apenas discurso indireto, aquele em que o narrador faz uma paráfrase da fala dos personagens.

c) O uso do subjuntivo em *respondesse* (ref. 2) e *perguntasse* (ref. 3) denota a mesma ideia de hipótese presente em “O que você faria se **ganhasse** na loteria?”.

d) O pronome *os* (ref. 4 e 5), nas duas ocorrências, evidencia que a relação de coesão é estabelecida com elemento que será apresentado no texto apenas após os pronomes.

e) A partícula *já* (ref. 5) denota temporalidade relacionada exatamente a um momento presente, como em “Faça isso **já**, agora mesmo!”.

Exercício 53

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A seguir, você lerá trechos de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-). Esses trechos estão na primeira parte do livro, intitulada “Música”, em que a autora fornece “instruções” para que seus leitores componham músicas.

Texto 1:

Composição da batida

Ouçã uma batida de coração

Texto 2:

Composição do amanhecer

Pegue a primeira palavra que vier
à sua cabeça.

Repita a palavra até o amanhecer.

Texto 3:

Composição do sanduíche de atum

Imagine mil sóis no

céu ao mesmo tempo.

Deixe-os brilhar por uma hora.

Então, deixe-os derreter gradualmente
no céu.

Faça um sanduíche de atum e coma.

(ONO, Yoko. *Grapefruit* – A Book of Instruction and Drawings by Yoko Ono. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].).

(Ufjf-pism 1 2019) A formação do modo **imperativo afirmativo** dos verbos **repita**, **deixe** e **faça**, presente nos **Textos 1, 2 e 3**, é a mesma que encontramos no item:

a) Vai à farmácia para mim, menino?

b) Pega aquele livro em cima da mesa para eu ler?

c) Feche a janela da sala, por favor.

d) Guarda esse segredo, viu?

e) Arruma sua mala agora!

Exercício 54

(G1 - cps 2011) Considere as afirmações sobre a tirinha em que Hagar está no consultório de seu médico, o doutor Zook.



(BROWN, Dik. O melhor de Hagar, o Horrível – v. 4 Porto Alegre: L&PM, 2008. Adaptado)

- I. As formas verbais **diga** e **seja**, empregadas pelo doutor Zook, pertencem ao modo subjuntivo, pois expressam uma solicitação.
- II. Ao dizer para Hagar ser **breve** e **objetivo**, o médico deseja que ele seja sucinto.
- III. Pelas reflexões de Hagar, conclui-se que, às quartas de manhã, o doutor Zook pratica golfe, por isso esse horário é inapropriado para consultas.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Exercício 55

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Viver não dói

Por que sofremos tanto por amor?
(...)

Porque automaticamente esquecemos
o que foi desfrutado e passamos a sofrer
pelas nossas projeções irrealizadas,
por todas as cidades que gostaríamos
de ter conhecido ao lado do nosso amor
e não conhecemos,
por todos os filhos que gostaríamos de ter tido juntos e
não tivemos,
por todos os shows e livros e silêncios
que gostaríamos de ter compartilhado,
e não compartilhamos.
Por todos os beijos cancelados, pela eternidade.
(...)

Sofremos não porque nossa mãe é impaciente
conosco, mas por todos os momentos em
que poderíamos estar confidenciando a ela
nossas mais profundas angústias
se ela estivesse interessada em nos compreender.
Sofremos não porque nosso time perdeu, mas pela
euforia sufocada.
(...)

Como aliviar a dor do que não foi vivido?

A resposta é simples como um verso:

Se iludindo menos e vivendo mais!!

A cada dia que vivo, mais me convenço de que o
desperdício da vida está no amor que não damos, nas
forças que não usamos, na prudência egoísta que nada
arrisca, e que, esquivando-se do sofrimento, perdemos
também a felicidade...

A dor é inevitável.

O sofrimento é opcional.

Carlos Drummond de Andrade

Fonte: www.carlosdrummond.com.br

(G1 - ifal 2011) Transformando os verbos da frase:

“Sofremos não porque nosso trabalho é desgastante (...)”
para o modo subjuntivo, temos:

- a) (Talvez) soframos não porque nosso trabalho seja desgastante (...).
- b) Sofremos não porque nosso trabalho seja desgastante (...).
- c) Sofremos não porque nosso trabalho fosse desgastante (...).
- d) (Talvez) soframos não porque nosso trabalho fosse desgastante (...).
- e) Nenhuma das respostas anteriores.

Exercício 56

A seguir, você lerá trechos de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-). Esses trechos estão na primeira parte do livro, intitulada “Música”, em que a autora fornece “instruções” para que seus leitores componham músicas.

Texto 1:

Composição da batida

Ouça uma batida de coração

Texto 2:

Composição do amanhecer

Pegue a primeira palavra que vier
à sua cabeça.

Repita a palavra até o amanhecer.

Texto 3:

Composição do sanduíche de atum

Imagine mil sóis no

céu ao mesmo tempo.

Deixe-os brilhar por uma hora.

Então, deixe-os derreter gradualmente

no céu.

Faça um sanduíche de atum e coma.

(ONO, Yoko. Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings by Yoko Ono. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].).

(Ufjf-pism 1 2019) Os verbos utilizados nos três textos acima, no imperativo, possuem sentido de

- a) ordem, como nas leis que os cidadãos são obrigados a cumprir para o bem-estar geral.
- b) sugestão, como opções que podem ser escolhidas para serem seguidas ou não.
- c) pedido, como nos textos de horóscopo e nas dicas dadas por amigos e familiares.
- d) determinação, como nos editais de concurso, que mostram normas de participação.

e) imposição, como nas regras de jogos, que têm de ser obedecidas para o sucesso da empreitada.

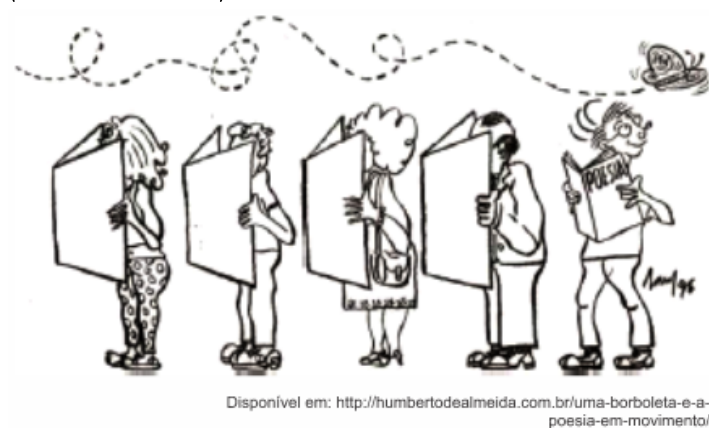
Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A um passarinho

*Para que vieste
Na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se é para uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assis.
Deixa-te de histórias
Some-te daqui!*

(Vinicius de Moraes)



(Espm 2019) Os dois últimos versos trazem a forma verbal no Imperativo Afirmativo, na segunda pessoa do singular (tu). Se estivessem na segunda pessoa do plural (vós), teríamos:

- a) Deixai-vos de histórias/Sumi-vos daqui!
- b) Deixe-vos de histórias/Suma-vos daqui!
- c) Deixeis-vos de histórias/Sumais-vos daqui!
- d) Deixemo-nos de histórias/Sumamo-nos daqui!
- e) Deixais-vos de histórias/Sumis-vos daqui!

Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto abaixo serve de base para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Gazeta de Alagoas. Caderno B. 17.11.2015

(G1 - ifal 2016) Ainda quanto à natureza semântica (de significado) e sintática (de relação gramatical) dos elementos presentes no texto, há, a seguir, apenas uma alternativa errada. Assinale-a.

- a) O termo “de idosos” caracteriza o substantivo “abrigo”, funcionando como adjunto adnominal deste.
- b) “de doações” é complemento do verbo “precisa”, denominando-se objeto indireto, por ser introduzido por preposição.
- c) Sintaticamente, no anúncio, a palavra “contar” está para “fazer”, assim como “O segredo” está para “Nosso objetivo”.
- d) “Chegar”, “compartilhar” e “doar” são verbos de primeira conjugação e, no anúncio, estão no modo imperativo.

e) “ser uma rede de solidariedade” e “apoiar instituições de diversos segmentos divulgando as suas necessidades” indicam as finalidades para a existência do grupo.

Exercício 59

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Crônica parafraseada de uma Síria em guerra

Ela abre os olhos. Não fosse o cheiro horrível de morte, o silêncio seria até agradável, mas o olfato a lembra que não há paz ¹– nem pessoas, vizinhos, crianças. A trégua na manhãzinha não traz esperança. Tão somente lhe permite descansar o corpo, mas não a mente. As lembranças da noite anterior ainda produzem sobressaltos. Bombas, casas caindo e soldados gritando. Levanta-se, bebe o pouco da água que restou do copo ao lado da cama. Já não é tão limpa, nem farta como antes. Sempre um gosto amargo misturado com

Abre a geladeira, e só encontra comida enlatada e congelada. E mesmo não tão congelada assim, já que os cortes diários de eletricidade derretem as camadas de gelo.

Os sobrinhos ainda dormem, e ela tenta orar. Não consegue. A mente desconcentra-se facilmente. Em uma prece fragmentada, pede a Deus descanso e trégua. E faz a oração sem pensar muito. Não precisa; é a mesma oração das últimas semanas.

Ela não quer sair de casa. Não é teimosia, é falta de opção. ²“Para onde ir?”, pergunta, com uma voz desesperançosa. Está tão confusa que não consegue imaginar saídas.

Nem a piedade de enterrar os mortos o governo permite. Cadáveres estão espalhados pelas ruas. As forças de Assad ³impediram de sepultar ou mesmo remover os restos mortais. Ou seja, mesmo viva, ela não tem como fugir da morte escancarada diante de seus olhos. Não é fácil acreditar na vida, quando a realidade grita o contrário.

Se não podem sepultar os mortos, os sobreviventes tentam ao menos ajudar a curar as feridas dos machucados. Não podem levá-los aos hospitais da cidade, já que há um medo generalizado de que o governo prenda os feridos como se fossem prisioneiros de guerra. Resta improvisar atendimento nos campos. Não bastasse a precariedade do atendimento, não há medicamentos suficientes.

Rebeca, de 32 anos, é trabalhadora autônoma. Ou melhor, ⁴era. Agora já não sabe mais o que é e o que faz em sua cidade Damasco, capital da Síria.

Crônica parafraseada do depoimento de uma moradora da capital da Síria (identificada apenas pela letra “R”) ao jornal *Folha de São Paulo*, de quarta-feira, dia 25. A Síria está em revolta há 16 meses contra a ditadura de Bashar al-Assad. Nos últimos dias, o confronto contra os rebeldes se acirrou e as mortes aumentaram.

Disponível em:

<<http://ultimato.com.br/sites/fatosecorrelatos/2012/07/26/cronica-parafraseada-de-uma-siria-em-guerra/>> Acesso em: 14 set. 2015.

(G1 - ifsul 2016) Leia:

“Levanta-se, bebe o pouco da água que restou do copo ao lado da cama.”

Tomando-se a frase isoladamente do texto, caso o pronome “se” fosse substituído pelo pronome “te”, o verbo levantar

a) sofreria mudança em seu modo verbal, passando do subjuntivo para o imperativo, e o verbo beber permaneceria inalterado.

b) não sofreria alteração em seu modo verbal, permanecendo no indicativo, assim como o verbo beber.

c) sofreria modificação em seu modo verbal, passando do indicativo para o imperativo, e o verbo beber não necessitaria de ajustes.

d) não sofreria alteração em seu modo verbal, permanecendo no subjuntivo, mas o verbo beber seria modificado.

Exercício 60

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

EMBARQUE IMEDIATO

Não basta passar pelos dias. Viva a partir de agora, com emoção

Por Márcia de Luca

Neste mundo de turbulências em que estamos vivendo, muitas vezes nos sentimos deprimidos. Em certos momentos, parece que tudo está perdido, não é mesmo? Achamos que tudo está diferente, que as pessoas estão _____.

Mas aqui e agora, tome uma atitude firme em sua vida. Mude seu jeito negativo de ser, evitando que sua vida seja insignificante.

Perdoe erros que você considerava imperdoáveis, troque as pessoas insubstituíveis por gente mais leve e solta. O apego aos outros está obsoleto. Nada nem ninguém é insubstituível. Aceite a decepção que outros lhe causaram para que você também seja aceito. Sim, porque todos, inclusive nós, já decepçamos alguém.

Antes de reagir por impulso, pare, respire fundo. E, só então, aja, com equilíbrio. Ame profundamente, _____ risadas gostosas, abrace, proteja pessoas queridas, faça amigos. Pule de felicidade e não tenha medo de quebrar a cara – se isso acontecer, encare com leveza. Se perder alguém nesta vida, sofra comedidamente – e vá em frente, pois tudo passa.

Mas, sobretudo, não seja alguém que simplesmente passa pela vida. Viva intensamente. Abrace o mundo com a devida paixão que ele merece. Se perder, faça-o com classe, se vencer, que delícia! O mundo pertence a quem se atreve a ser feliz. Aproveite cada instante dessa grande aventura.

Agora mesmo, neste _____, sente-se confortavelmente na poltrona, com a coluna ereta e de olhos fechados. Faça vários ciclos de respiração profunda e sinta o ar entrando e saindo. Quando sentir seu corpo relaxado e sua mente mais calma, pense em sua nova vida, mais leve. Desta maneira você viverá mais facilmente.

Fonte: *Revista Gol – Linhas áreas inteligentes*

(G1 - ifsul 2016) Quanto ao emprego do modo verbal, é correto afirmar que o

a) imperativo afirmativo está presente no título e no primeiro parágrafo.

b) indicativo predomina no primeiro e no último parágrafo.

c) subjuntivo constrói a ideia veiculada no quinto parágrafo.

d) imperativo predomina do segundo ao último parágrafo.

Exercício 61

(Ueg 2015)



Disponível em: <<http://www.blogdefrases.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2014. (Adaptado).

Na tirinha, a locutora utiliza o imperativo verbal para desafiar seu interlocutor a lhe apresentar uma prova de amor. Essas formas

imperativas apresentam um caso de variação na pessoa do verbo, tendo a seguinte configuração:

a) “mate” e “peça” são formas de 2ª pessoa que derivam do presente do modo indicativo e se correlacionam ao pronome de 2ª pessoa “tu”.

b) “prova” e “coloca” são formas de 3ª pessoa que derivam do presente do modo subjuntivo e se correlacionam ao pronome de 3ª pessoa “você”.

c) “prova” e “coloca” são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome “tu”; “mate” e “peça” são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome “você”.

d) “mate” e “peça” são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome “tu”; “prova” e “coloca” são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome “você”.

Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) tomam por base uma modinha de Domingos Caldas Barbosa (1740-1800).

Protestos a Arminda

¹Conheço muitas pastoras
Que beleza e graça têm,
Mas é uma só que eu amo
Só Arminda e mais ninguém.

Revolvam meu coração
²Procurem meu peito bem,
Verão estar dentro dele
Só Arminda e mais ninguém.

De tantas, quantas belezas
Os meus ternos olhos veem,
Nenhuma outra me agrada
Só Arminda e mais ninguém.

Estes suspiros que eu solto
³Vão buscar meu doce bem,
É causa dos meus suspiros
Só Arminda e mais ninguém.

Os segredos de meu peito
Guardá-los nele convém,
⁴Guardá-los aonde os veja
Só Arminda e mais ninguém.

Não cuidem que a mim me importa
⁵Parecer às outras bem,
Basta que de mim se agrade
Só Arminda e mais ninguém.

Não me alegra, ou me desgosta
Doutra o mimo, ou o desdém,
Satisfaz-me e me contenta
Só Arminda e mais ninguém.

Cantem os outros pastores

Outras pastoras também,
Que eu canto e cantarei sempre
Só Arminda e mais ninguém.

(Viola de Lereño, 1980.)

(Unesp 2015) Levando em consideração o contexto da estrofe, assinale a alternativa em que a forma verbal surge no modo imperativo.

- a) “Vão buscar meu doce bem,” (ref. 3).
- b) “Parecer às outras bem,” (ref. 5).
- c) “Conheço muitas pastoras” (ref. 1).
- d) “Guardá-los aonde os veja” (ref. 4).

e) “Procurem meu peito bem,” (ref. 2).

Exercício 63

(Espcex (Aman) 2013) Assinale a alternativa que contém a classificação do modo verbal, dos verbos grifados nas frases abaixo, respectivamente.

- Esse seu lado perverso, eu o conheço faz tempo.
- Anda logo, senão chegarás só amanhã.
- Se você chegar na hora, ganharemos um tempo precioso.
- Acabaríamos a tarefa hoje, se todos ajudassem.

- a) indicativo – imperativo – subjuntivo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – indicativo
- b) subjuntivo – indicativo – indicativo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – indicativo
- c) subjuntivo – imperativo – indicativo – infinitivo – indicativo – subjuntivo – indicativo
- d) indicativo – imperativo – indicativo – subjuntivo – indicativo – indicativo – subjuntivo

e) indicativo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – subjuntivo

Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

PARA IMPRESSIONAR

O que fará os altos executivos prestarem atenção em você

SEJA AUTÊNTICO: evite as respostas ensaiadas. Verbalize o que é coerente com as decisões que tomou ao longo da vida e com sua experiência profissional.

EXIBA SUA VONTADE: demonstre que está no processo porque realmente quer fazer parte da companhia, e não está lá apenas para cumprir tabela. Antes, é preciso estudar o que faz a empresa e como é trabalhar nela.

CONTE DAS SUAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS: aquela viagem a um lugar exótico ou a ação de voluntariado que você faz aos sábados conta muito dos seus valores e de qualidades como capacidade de doação, liderança e perseverança.

Interbits®

CARA A CARA COM QUEM DECIDE. *Exame*, São Paulo, ano 75, n. 5, ed. 998, 24 ago. 2011. Caderno Especial *Trainee* (Adaptado).

(Ueg 2012) Com base no texto acima,

- Identifique o interlocutor do texto citado.
- Há nesse texto a predominância de verbos no imperativo. Qual é o sentido que o uso desse modo verbal se dá no texto?

Exercício 65

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Natal

Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem cetins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sobre a palha, risonho, e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vede o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz deste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Seguindo a estrela que ao presepe os guia,

Vêm cobrir de perfumes e de flores
O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo;
Homens, Jesus nasceu! Nata! Nata!
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o Mal!

Nata! Nata! Em toda Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

OLAVO BILAC

In: BUENO, Alexei (org.). *Olavo Bilac: obra reunida*.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

(Uerj 2012) *Vede o Menino-Deus, que está cercado* (v. 11)

As formas verbais deste verso modificam a representação do fato relatado, já que nas duas primeiras estrofes predomina o tempo passado dos verbos. Explícite o efeito estilístico causado pelo emprego de cada uma dessas formas verbais: uma no modo imperativo e outra no presente do indicativo.

Exercício 66

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Ifsul 2011) Observe.

Não abra a porta...

Se o enunciado acima passasse para o imperativo afirmativo e o tratamento dado fosse o de segunda pessoa, qual das construções estaria de acordo com a norma culta da língua?

- Abre a porta...
- Abres a porta...
- Abra a porta...
- Abras a porta...

Exercício 67



Disponível em: www.sul21.com.br. Acesso em: 1 dez. 2007 (adaptado).

Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à

- a) indicação de diversos canais de atendimento.
- b) divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
- c) informação sobre a duração da campanha.
- d) apresentação dos diversos apoiadores.
- e) utilização da imagem das três mulheres.

Exercício 68

(Fuvest 2017) Leia este texto, publicado em 1905.

Por toda parte, a 1verbiagem, oca, inútil e vã, a retórica [...] pomposa, a erudição míope, o aparato de sabedoria resumem toda a elaboração intelectual. [...] Aceitam-se e proclamam-se os mais altos representantes da intelectualidade: os retóricos inveterados, cuja palavra abundante e preciosa impõe-se como sinal de gênio, embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma ideia original, nem uma só observação própria. E disto ninguém se escandaliza; o escândalo viria se houvesse originalidade.

Manoel Bomfim, A América Latina: males de origem. Adaptado.

1verbiagem: falatório longo mas com pouco sentido ou utilidade; verborragia.

- a) O sentido que se atribui, no texto, à palavra “retórica” é o de “arte da eloquência, arte de bem argumentar; arte da palavra” (Houaiss)? Justifique.

- b) Mantendo-se o sentido que eles têm no contexto, que outra forma os verbos “se encontrem” e “houvesse” poderiam assumir?

Exercício 69

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Mas chovia ainda, 1meus olhos 2ardiam de frio, o nariz começava a 3escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz 4endurecia logo sobre os pelos, 5eu enfiava as mãos 6avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d’água com as pernas 7geladas. Tão geladas as pernas e os braços que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, 8não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria que ele pensasse que eu andava 9insone, e eu andava, 10roxas olheiras, teria que cuidar com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o encontrasse, para que não visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e 11tudo o que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era.

ABREU, Caio Fernando. Além do ponto. In: _____. Além do ponto e outros contos. São Paulo: Ática, 2009, p. 23-24.

(Ufsc 2016)

Em relação ao texto, é CORRETO afirmar que:

- 01) as formas verbais “ardiam”, “escorrer” e “endurecia” (referências 2,3 e 4, respectivamente) bem como os adjetivos “avermelhadas” (referência 5), “geladas” (referência 6), “insone” (referência 9) e “roxas” (referência 10) evocam a baixa temperatura e a umidade do ambiente externo.
- 02) em “meus olhos ardiam de frio” (referência 1), o termo sublinhado expressa ideia de causalidade.
- 04) em “eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d’água” (referência 5), as formas verbais sublinhadas intensificam a duração da ação expressa pelo verbo “ir”.
- 08) se a ideia contida em “não queria que ele pensasse” (referência 8) fosse expressa no tempo presente, a construção resultante seria “não quero que ele pensa”, em conformidade com a variedade padrão da língua escrita.
- 16) a oração “e eu andava”, que aparece repetida várias vezes no segundo período do texto, tem o sentido de “e eu caminhava” e indica que a caminhada do personagem foi longa, demorada e cheia de obstáculos concretos a serem transpostos.
- 32) em “tudo o que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse” (referência 11), a sequência sublinhada funciona como complemento verbal de “visse” e “soubesse”.

Exercício 70

(Ufsc 2016) Com base na leitura do conto *Além do ponto*, de Caio Fernando Abreu, é CORRETO afirmar que:

01) narrado em primeira pessoa, o texto que dá título à coletânea de Caio Fernando Abreu explora o ponto de vista de um personagem marginal, isto é, de um sujeito à margem do meio social, descrito como sem dinheiro e um tanto desleixado.

02) o narrador, por medo de rejeição, mostra-se preocupado com a apresentação de si mesmo para o outro, algo que reflete a visão de uma sociedade capitalista que valoriza a aparência em detrimento da essência.

04) apesar de o narrador ser um homem que está indo ao encontro de outro homem, este conto de Caio Fernando Abreu não versa sobre o amor ou qualquer outra relação de afeto homoerótico.

08) a linguagem empregada pelo escritor, nessa história, denota uma aproximação com a poesia, fato observável pelo uso da pontuação como recurso estilístico, pela repetição rítmica de termos e pela produção de rimas internas.

16) o personagem-narrador, em um momento de reflexão sobre os pensamentos que lhe ocorriam, “por dentro da chuva”, descobre que tem vergonha da própria identidade.

32) o título do conto alude, de modo metafórico, ao fim da jornada de vida do protagonista, pois ir além do ponto, neste caso, significou sua morte.

Exercício 71

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho da peça *A mais-valia* vai acabar, seu Edgar, de Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha. A peça foi encenada em 1960 na arena da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil e promoveu um amplo debate. A mobilização resultante desse debate desencadeou a criação do Centro Popular de Cultura (CPC).

CORO DOS DESGRAÇADOS: Trabalhamos noite e dia, dia e noite sem parar! Então de nada precisamos, se só precisamos trabalhar! Há mil anos sem parar! Fizemos as correntes que nos botaram nos pés, fizemos a Bastilha onde fomos morar, fizemos os canhões que vão nos apontar. Há mil anos sem parar! Não mandamos, não fugimos, não cheiramos, não matamos, não fingimos, não coçamos, não corremos, não deitamos, não sentamos: trabalhamos. Há mil anos sem parar! Ninguém sabe nosso nome, não conhecemos a espuma do mar, somos tristes e cansados. Há mil anos sem parar! Eu nunca ri – eu nunca ri – sempre trabalhei. Eu faço charutos e fumo bitucas, eu faço tecidos e ando pelado, eu faço vestido pra mulher, e nunca vi mulher desvestida. Há mil anos sem parar! Maria esqueceu de mim e foi morar com seu Joaquim. Há mil anos sem parar!

(Apito longo. Um cartaz aparece:

“Dois minutos de descanso e lamba as unhas.”

Todos vão tentar sentar.

Menos o Desgraçado 4 que fica de pé furioso.)

DESGRAÇADO 1: Ajuda-me aqui, Dois. Eu quero me dá uma sentadinha.

(Desgraçado 2 ri de tudo.)

DESGRAÇADO 3: Senta. (Desgraçado 1 vai pôr a cabeça no chão.) De assim, não. Acho que não é com a cabeça não.

DESGRAÇADO 1: Eu esqueci.

DESGRAÇADO 3: A bunda, põe ela no chão. A perna é que eu

não sei.

DESGRAÇADO 2: A perna tira.

(Desgraçado 3 e Desgraçado 2 desistem de descobrir. Se atiram no chão.)

DESGRAÇADO 1: A perna dobra! (Senta. Satisfeito.)

DESGRAÇADO 2: Quero ver levantar.

(Todos olham para Desgraçado 4, fazem sinais para que ele se sente.)

DESGRAÇADO 4: Não! Chega pra mim! Eu só trabalho, trabalho, trabalho... (Perde o fôlego.)

DESGRAÇADO 3: Eu te ajudo: trabalho, trabalho, trabalho...

DESGRAÇADO 4: E tenho dois minutos de descanso? Nunca vi o sol, não tomei leite condensado, não canto na rua, esqueci do sentar, quando chega a hora de descansar, fico pensando na hora de trabalhar! Chega!

SLIDE: Quem canta seus males espanta.

DESGRAÇADO 1: (cantando) A paga vem depois que a gente morre! Você vira um anjo todo branco, rindo sempre da brancura, bebe leite em teta de nuvem, não tem mais fome, não tem saudade, pinta o céu de cor de felicidade!

(Peças do CPC, 2016. Adaptado.)

(Unesp 2021) Considerado no contexto, constitui exemplo de eufemismo o verbo sublinhado no trecho

- a) “fizemos os canhões que vão nos apontar”.
- b) “não conhecemos a espuma do mar”.
- c) “Ninguém sabe nosso nome”.
- d) “A paga vem depois que a gente morre”.
- e) “fizemos a Bastilha onde fomos morar”.

Exercício 72

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia a crônica de Machado de Assis, publicada em 19.05.1888.

Eu pertenço a uma família de profetas après coup¹, post facto², depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa dos seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (coup du milieu³, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que eu acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração.

Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

– Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

– Oh! meu senhô! fico.

– ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

– Artura não qué dizê nada, não, senhô...

– Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

– Eu vaio um galo, sim, senhô.

– Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

(Machado de Assis. Crônicas escolhidas, 2013.)

1apprès coup: a posteriori.

2post facto: após o fato.

3coup du milieu: bebida, às vezes acompanhada de brindes, que se tomava no meio de um banquete.

(Unesp 2021) Para evitar a repetição de um verbo já mencionado, o narrador recorre à elipse de um verbo na frase

a) “Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés.” (4º parágrafo)

b) “Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote.” (4º parágrafo)

c) “Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu.” (8º parágrafo)

d) “Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da

liberdade.” (13º parágrafo)

e) “Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.” (13º parágrafo)

Exercício 73

Leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido¹ passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras², uma avantesma³...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas⁴ que a polícia, competentemente munida de bentinhos⁵ e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho pardieiro⁶ que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os sitiante⁷s empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um

poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

1esbatido: de tom pálido.

2a desoras: muito tarde.

3avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

4folha: periódico diário, jornal.

5bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

6pardieiro: prédio velho ou arruinado.

7sitiente: policial.

(Unesp 2022) Constitui exemplo de interação do cronista com o leitor o trecho

a) “o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos” (3º parágrafo).

b) “As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando” (1º parágrafo).

c) “Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi” (3º parágrafo).

d) “as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea” (2º parágrafo).

e) “O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas” (2º parágrafo).

Exercício 74

Leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido1 passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num

século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras2, uma avantesma3...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas4 que a polícia, competentemente munida de bentinhos5 e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho pardieiro6 que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os sitiantes7 empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

1esbatido: de tom pálido.

2a desoras: muito tarde.

3avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

4folha: periódico diário, jornal.

5bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

6pardieiro: prédio velho ou arruinado.

7sitiente: policial.

(Unesp 2022) Em “Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos” (5º parágrafo), o termo sublinhado está empregado na mesma acepção do termo sublinhado em

a) “ela correu um risco desnecessário”.

b) “a notícia corria por toda a cidade”.

c) “a manhã corria especialmente tranquila”.

d) “segundo corria, ela seria facilmente eleita”.

e) “um arrepio correu-lhe pela espinha”.

Exercício 75

Leia o trecho inicial da crônica “Está aberta a sessão do júri”, de Graciliano Ramos, publicada originalmente em 1943.

O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas. Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.

Não via, não sorria. Quando parava numa esquina, as cavaqueiras dos vadios gelavam. Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barocas¹ e degraus. A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.

Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.

Dr. França levantava-se às sete horas e recolhia-se à meia-noite, fizesse frio ou calor, almoçava ao meio-dia e jantava às cinco, ouvia missa aos domingos, comungava de seis em seis meses, pagava o aluguel da casa no dia 30 ou no dia 31, entendia-se com a mulher, parcimonioso, na linguagem usada nas sentenças, linguagem arrevesada e arcaica das ordenações. Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutarés.

Não amou nem odiou. Contudo exaltou a virtude, emanação das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.

Se atentássemos nas palavras emitidas por via oral, poderíamos afirmar que o Dr. França não pensava. Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência. Apenas o pensamento de Dr. França não seguia a marcha dos pensamentos comuns. Operava, se não nos enganamos, deste modo: “considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.” Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.

Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos. E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.

(Graciliano Ramos. *Viventes das Alagoas*, 1976.)

1barroca: monte de terra ou de barro.

(Unesp 2022) Expressa sentido hipotético a forma verbal sublinhada em:

- a) “Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos.” (7º parágrafo)
- b) “Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barocas e degraus.” (2º parágrafo)

c) “Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência.” (6º parágrafo)

d) “Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.” (6º parágrafo)

e) “Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutarés.” (4º parágrafo)

Exercício 76

Leia o ensaio “Império reverso”, de Eduardo Giannetti.

Império reverso – O filósofo grego Diógenes fez da autossuficiência e do controle das paixões os valores centrais de sua vida: um casaco, uma mochila e uma cisterna de argila no interior da qual pernoitava eram suas únicas posses. Intrigado com relatos sobre essa estranha figura, o imperador Alexandre Magno resolveu conferir de perto. Foi até ele e propôs: “Sou o homem mais poderoso do mundo, peça-me o que desejar e lhe atenderei.” Diógenes [...] não titubeou: “O senhor teria a delicadeza de afastar-se um pouco? Sua sombra está bloqueando o meu banho de sol.” O filósofo e o imperador são casos extremos, mas ambos ilustram a tese socrática de que, entre os mortais, o mais próximo dos deuses em felicidade é aquele que de menor número de coisas carece. Alexandre, ex-pupilo e depois mecenas de Aristóteles, aprendeu a lição. Quando um cortesão zombou do morador da cisterna por ter “desperdiçado” a oferta que lhe caíra do céu, o imperador rebateu: “Pois saiba então você que, se eu não fosse Alexandre, eu teria desejado ser Diógenes.” Os extremos se tocam. – “Querei só o que podeis”, pondera o padre Antônio Vieira, “e sereis onipotentes.” (Eduardo Giannetti. *Trópicos utópicos*, 2016.)

(Unesp 2022) Ao se transpor o trecho “Foi até ele e propôs: ‘Sou o homem mais poderoso do mundo, peça-me o que desejar e lhe atenderei.’” para o discurso indireto, os termos sublinhados assumem as formas:

- a) pedisse e atenderia.
- b) pedia e atendia.
- c) pediria e atenderia.
- d) pedisse e atendesse.
- e) pediria e atendesse.

Exercício 77

Leia a crônica “Elegia do Guandu”, de Carlos Drummond de Andrade, publicada originalmente em 2 de novembro de 1974.

E se reverenciássemos neste 2 de novembro os mortos do Guandu, que descem a correnteza, a caminho do mar – o mar que eles não alcançam, pois encalham na areia das margens, e os urubus os devoram?

Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos. Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente. Seus corpos, não há quem os reclame, de medo ou seja lá pelo que for.

Se algum deles tem sorte de derivar pela restinga da Marambaia e ali é recolhido por pescadores – ah, peixe menos desejado – ganha sepultura anônima, que a piedade dos humildes providencia. Mas não é prudente pescar mortos do Guandu: há sempre a perspectiva de interrogatórios que fazem perder o dia de trabalho, às vezes mais do que isso: a liberdade, que se confisca aos suspeitos e aos que explicam mal suas pescarias macabras.

São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados? Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores ou estes sinais: mãos amarradas, amarrado de vários corpos, pesos amarrados aos pés. Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d'água, mas os que vêm boiando e fluindo, fluindo e boiando, em sonho aquático deslizante, estes desesperaram da vida, ou a vida lhes faltou de surpresa?

Os mortos vão passando, procissão falhada. Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante. É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí, assistentes ribeirinhos de novela de espaçados capítulos. Ver e não contar. Ver e guardar para conversas íntimas:

– Ontem, na tintura da madrugada, passaram três garrafinhas. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...

Garrafinhas chamam-se eles, os trucidados com chumbo aos pés, e não mais como ficou escrito em livros de cartório. O garrafinha nº 1 não é diferente do garrafinha nº 2 ou 3. Foram todos nivelados pelo Guandu. Como frascos vazios, de pequeno porte e nenhuma importância, lá vão rio abaixo, Nova Iguaçu abaixo, rumo do esquecimento das garrafas e dos crimes que cometeram ou não cometeram, ou dos crimes que neles foram cometidos.

[...]

O Guandu não responde a inquéritos nem a repórteres. Não distingue, carrega. Não comenta, não julga, não reclama se lhe

corrompem as águas; transporta. Em sua impessoalidade serve a desígnios vários, favorece a vida que quer se desembaraçar da morte, facilita a morte que quer se libertar da vida. Pela justiça sumária, pelo absurdo, pelo desespero.

Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos. Os criminosos, os não criminosos, os que se destruíram, os que resvalaram. Mortos sem sepultura e sem lembrança. Trágicos e apagados deslizantes na correnteza. Passageiros do Guandu, apenas e afinal.

(Carlos Drummond de Andrade. Os dias lindos, 2013.)

(Unesp 2022) O cronista dirige-se explicitamente a seu leitor no trecho:

- a) “São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados?” (4º parágrafo)
- b) “Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos.” (2º parágrafo)
- c) “– Ontem, na tintura da madrugada, passaram três garrafinhas. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...” (6º parágrafo)
- d) “Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta.” (8º parágrafo)
- e) “Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos.” (9º parágrafo)

GABARITO

Exercício 1

b) Em “será preciso conter o consumo desenfreado” (3º parágrafo), o futuro do presente é utilizado para indicar um comportamento que ainda deve se realizar.

Exercício 2

a) pretérito perfeito, presente e infinitivo.

Exercício 3

c) futuro do pretérito

Exercício 4

d) *Ajuda*, imperativo afirmativo, *ajudo*, presente do indicativo.

Exercício 5

d) I, II, III e IV.

Exercício 6

a) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.

Exercício 7

c) pretérito imperfeito do modo indicativo.

Exercício 8

e) I, II e III.

Exercício 9

d) A locução verbal **forem aceitas** (ref. 20) vincula-se ao verbo **seria** (ref. 21) para o autor situar a sua argumentação como possibilidade.

Exercício 10

b) ênfase às ações em si, em virtude do caráter atemporal.

Exercício 11

a) O uso da forma verbal “tiver” marca a eventualidade da ação no futuro.

Exercício 12

a) Futuro do Pretérito do Indicativo e Presente do Indicativo.

Exercício 13

b) F – V – V – V.

Exercício 14

a) seu verbo auxiliar está no presente do indicativo.

Exercício 15

01) Nas referências 52 e 57, o vocábulo “só” equivale semanticamente a “somente”, enfatizando as restrições da República proclamada sem os princípios da igualdade.

02) Na construção “A da igualdade” (referência 53) ocorre a elipse do vocábulo “perna”, o qual é empregado conotativamente para reacentuar a incompletude de nossa República.

Exercício 16

a) envergonháreis – envergonhasses / deixáreis – deixasses.

Exercício 17

c) A perífrase verbal ‘poderia explicar’ tem seu verbo auxiliar no futuro do pretérito para indicar incerteza na explicação da assunção de atos desonestos.

Exercício 18

b) Muitas situações de agressões foram encobertas por terem sido vistas como brincadeiras de criança.

Exercício 19

e) Quem **dera** meu pai fosse um homem de palavra. (Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo)

Exercício 20

c) V – V – V – F.

Exercício 21

e) pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo, presente do indicativo.

Exercício 22

c) o verbo impedir está conjugado no pretérito perfeito do indicativo, e o ser, no pretérito imperfeito do indicativo.

Exercício 23

c) a situação em que se encontra o sistema público de saúde não se restringe a questões de natureza administrativa ou contábil.

Exercício 24

a) I, II e III.

Exercício 25

d) o verbo “servir” (ref. 2) foi conjugado no pretérito imperfeito do indicativo para designar uma ação em contínua realização do passado para o presente.

Exercício 26

e) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um processo que ocorreu antes de um outro fato, também no passado; os verbos “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois indicam um processo que ocorreu no passado, expressando sua duração, e que não foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

Exercício 27

a) Apenas I.

Exercício 28

d) pronunciasse as palavras considerando-as como verbos na forma nominal do infinitivo.

Exercício 29

c) *percebi* está no pretérito perfeito e expressa ação concluída no passado.

Exercício 30

c) São formas verbais no passado, que mostram o enunciador, que enuncia do presente, de vez em quando recordando fatos de um passado próximo.

Exercício 31

b) primeira pessoa do plural do presente do indicativo.

Exercício 32

c) V – F – V – V.

Exercício 33

b) pretérito imperfeito do modo indicativo.

Exercício 34

b) poderia ser perfeitamente substituída pela forma simples “serei”, em razão de esta forma manter equivalência de mesmo tempo verbal com a expressão “hei de ser”.

Exercício 35

d) Não ganhávamos mesada, nem ajuda de custo na infância. Nós nos virávamos como dava. Recebíamos casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir...

Exercício 36

c) Na oração “É uma cláusula imutável.”, o vocábulo grifado é um adjetivo e pode ser substituído por “inalterável”.

Exercício 37

a) situação imaginada a partir da narração.

Exercício 38

b) o emprego de verbos no imperativo e do pronome de tratamento “você”.

Exercício 39

c) indica um fato que está condicionado a uma outra ação.

Exercício 40

d) I, III e IV.

Exercício 41

c) Já noticiaram: o técnico vai divulgar o nome dos jogadores convocados nesta semana.

Exercício 42

c) Pensar (referência 4) e reparar (referência 15).

Exercício 43

a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)

Exercício 44

c) pretérito imperfeito do subjuntivo – futuro do pretérito do indicativo.

Exercício 45

b) V - F - V - V - F

Exercício 46

b) algo irreal, hipotético, expresso pelo modo subjuntivo, que aponta, no entanto, para um desejo, uma possibilidade, no caso, de que o menino seja resgatado daquele cotidiano que lhe rouba a infância.

Exercício 47

c) (1) pretérito imperfeito do indicativo; (2) futuro do pretérito do indicativo; (3) pretérito imperfeito do subjuntivo.

Exercício 48

b) O articulador **mas** (referência 7) expressa uma relação de oposição.

Exercício 49

a) I, II e III.

Exercício 50

01) A forma verbal “vemos” (ref. 1), no presente do indicativo, provoca um efeito de proximidade entre o escritor e o leitor. É como se, no ato da leitura, leitor e escritor estivessem juntos a observar os eventos da história.

04) Em “estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos” (ref. 3), a forma “sê-lo” é uma combinação do verbo ser com o pronome oblíquo átono “o”, o qual se refere a “amantes”.

16) A forma verbal “mandara” (ref. 4) corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo do verbo *mandar* e equivale a tinha mandado.

Exercício 51

c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.

Exercício 52

a) O fragmento *não podendo mais procurar alimento por sua própria conta* (ref. 1) apresenta a causa da decisão assumida pelo leão.

Exercício 53

c) Feche a janela da sala, por favor.

Exercício 54

d) II e III, apenas.

Exercício 55

a) (Talvez) soframos não porque nosso trabalho seja desgastante (...).

Exercício 56

b) sugestão, como opções que podem ser escolhidas para serem seguidas ou não.

Exercício 57

a) Deixai-vos de histórias/Sumi-vos daqui!

Exercício 58

d) “Chegar”, “compartilhar” e “doar” são verbos de primeira conjugação e, no anúncio, estão no modo imperativo.

Exercício 59

c) sofreria modificação em seu modo verbal, passando do indicativo para o imperativo, e o verbo beber não necessitaria de ajustes.

Exercício 60

d) imperativo predomina do segundo ao último parágrafo.

Exercício 61

c) “prova” e “coloca” são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome “tu”; “mate” e “peça” são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome “você”.

Exercício 62

e) “Procurem meu peito bem,” (ref. 2).

Exercício 63

d) indicativo – imperativo – indicativo – subjuntivo – indicativo – indicativo – subjuntivo

Exercício 64

a) O interlocutor é o leitor do texto.
b) O modo imperativo concede ao texto o sentido de sugestão, conselho e ordem.

Exercício 65

Os termos verbais “vede” e “está” interrompem o fato relatado anteriormente nas duas primeiras estrofes do poema. Assim, com o modo imperativo, o enunciador dirige-se aos homens, convocando-os a olhar o Menino-Deus. Com o presente do indicativo, o enunciador torna a cena atual e viva, como se ela se desenrolasse diante das pessoas que ali estão presentes.

Exercício 66

a) Abre a porta...

Exercício 67

e) utilização da imagem das três mulheres.

Exercício 68

a) Não. O sentido é de “adornos empolados ou pomposos de um discurso” (acepção extraída do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).

b) Considerando que a oração “embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma ideia original, nem uma só observação própria” está na voz passiva sintética; a outra forma que o verbo “encontrar” poderia assumir, mantendo-se o sentido, seria a voz passiva analítica: “embora não sejam encontradas nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma ideia original, nem uma só observação própria”.

Na oração “o escândalo viria se houvera [pretérito mais-que-perfeito do indicativo] originalidade”, o verbo “haver” poderia sem substituído, sem alteração de sentido, por “houvesse” [pretérito imperfeito do subjuntivo].

Exercício 69

02) em “meus olhos ardiam de frio” (referência 1), o termo sublinhado expressa ideia de causalidade.

04) em “eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d’água” (referência 5), as formas verbais sublinhadas intensificam a duração da ação expressa pelo verbo “ir”.

32) em “tudo o que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse” (referência 11), a sequência sublinhada funciona como complemento verbal de “visse” e “soubesse”.

Exercício 70

01) narrado em primeira pessoa, o texto que dá título à coletânea de Caio Fernando Abreu explora o ponto de vista de um personagem marginal, isto é, de um sujeito à margem do meio social, descrito como sem dinheiro e um tanto desleixado.

02) o narrador, por medo de rejeição, mostra-se preocupado com a apresentação de si mesmo para o outro, algo que reflete a visão de uma sociedade capitalista que valoriza a aparência em detrimento da essência.

08) a linguagem empregada pelo escritor, nessa história, denota uma aproximação com a poesia, fato observável pelo uso da pontuação como recurso estilístico, pela repetição rítmica de termos e pela produção de rimas internas.

16) o personagem-narrador, em um momento de reflexão sobre os pensamentos que lhe ocorriam, “por dentro da chuva”, descobre que tem vergonha da própria identidade.

Exercício 71

e) “fizemos a Bastilha onde fomos morar”.

Exercício 72

e) “Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.” (13º parágrafo)

Exercício 73

c) “Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi” (3º parágrafo).

Exercício 74

c) “a manhã corria especialmente tranquila”.

Exercício 75

c) “Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência.” (6º parágrafo)

Exercício 76

a) pedisse e atenderia.

Exercício 77

b) “Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos.” (2º parágrafo)